

DIVERSO

| MAR/25

SUPLEMENTO ACADÊMICO



Fortalecendo & RECONHECENDO

SUMÁRIO

PÁG. 03

EDITORIAL

PÁG. 04

ARTISTA DIVERSO: LÊO CASTRO

LEANDRO BOLIVAR

PÁG. 08

UM ENCONTRO SAGRADO

JOÃO JÚNIOR

PÁG. 14

ENTREVISTA A MATTIJS VAN DE PORT

JOÃO JÚNIOR

PÁG. 20

CENTRO CARIOCA DE PESQUISA EM DANÇA-EDUCAÇÃO: MAIS UM PASSO

ROSANE LAUDANO CAMPELLO WANDERLEY

LUCIANA LOPES ROCHA

PÁG. 26

CARNAVAL POPULAR, A FESTA MAIS DEMOCRÁTICA DO MUNDO

THALES PORTO

PÁG. 30

DRUIDISMO: O RENASCIMENTO DA FÉ E DA FILOSOFIA DOS ANTIGOS CELTAS

DRUIDA DRAGAN MACBEL

PÁG. 42

POR SORTE OU POR AZAR

LEANDRO BOLIVAR

PÁG. 46

A JORNADA DO HOMEM GAY: EMANCIPAÇÃO E FORÇA CRIATIVA

YURI ESTEVES

PÁG. 50

OS CUIDADOS COM A PELE MASCULINA NO VERÃO

ANDRÉ BORGES

PÁG. 54

AS 7 ETAPAS CRUCIAIS PARA DOMINAR UM NOVO IDIOMA

PETE BRANCH

PÁG. 62

CONTO - OUTRO OLHAR

DANIE VAZ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Diverso : suplemento acadêmico [livro eletrônico]
: fortalecendo e reconhecendo / [organização
João da Silva Junior]. -- 1. ed. -- Rio de
Janeiro : Estima, 2025.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-986372-0-0

1. Conhecimento humano 2. Criatividade -
Desenvolvimento 3. Inovações 4. Pensamento
criativo I. Silva Junior, João da.

25-256550

CDD-001

Índices para catálogo sistemático:

1. Conhecimento : Coletâneas 001

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

EDITORIAL

Diverso. Suplemento acadêmico, um livro, uma revista, um fascículo, uma coletânea ou como gostamos de chamar: uma miscelânea de sementes que germinarão de modo diferente em cada jardim em que caia. Antes de tudo, trata-se de um experimento: reunir pensadores das mais diversas áreas para que cada um, com seu toque, possa iluminar, alegrar, fazer sorrir e se orgulhar aqueles que os leem. Diverso é fruto da mente desse editor, mas antes de tudo é resultado do esforço dos contribuidores que acreditaram na proposta desde o primeiro convite. Já temos uma lista de contribuições para a próxima empreitada intelectual. Ufa!

“Do caos nascem as estrelas”, canta Tássia Reis em uma de suas canções. Sua poesia permeia todo este trabalho, trilha sonora das muitas horas que nos debruçamos sobre esse projeto. Temos a contribuição inestimável de Fernando Ribas, mestre das artes gráficas, é quem assina o layout. Ele relembra-nos o quão maravilhoso é quando encontramos pessoas com a mesma vibração. A tarefa de editoração ficou infinitamente mais leve e prazerosa com a contribuição inestimável de Leandro Bolivar. Ele quem assina a revisão do conteúdo e seu suporte tornou essa idealização uma realidade.

Estreamos com uma missão: ser uma coletânea de contribuições que fortaleçam, empoderem e incentivem nossos leitores e nossas leitoras a serem melhores versões deles mesmos. Foram convidados a colaborar: educadores, artistas, ativistas, livre-pensadores, docentes e outros atores sociais.

O coração dessa edição sem dúvida é a entrevista exclusiva com o professor e antropólogo Mattijs van de Port da Universidade de Amsterdam. Mrs. Van de Port aborda questões profundas e caras para, não apenas cientistas sociais, mas todos aqueles que procuram des-

frutar plenamente dessa existência. A ele se somam outros nomes de peso como Pete Branch, Yuri Esteves. Foi ainda possível poder trazer o Carnaval para a Diverso, e com a primazia de relato do carnavalesco Thales Porto. Coincidente a Diverso será lançada em pleno fim de Carnaval.

Temos ainda o doutor André Borges, dermatologista. Leo Castro, fotógrafo internacionalmente reconhecido, e Davi Duarte Amaro, quem assina comigo algumas fotos publicitárias. Nossa miscelânea é aberta com um editorial lindo de Castro e seguida por um “Encontro Sagrado”, eleva a temperatura com um conto de Danie Vaz, escritor que também auxiliou enormemente no processo de revisão, assim como Pete Brunch, um homem que é um bálsamo para todos aqueles que têm o privilégio de conviver com ele. Não existiria a Diverso sem o apoio inexorável de Jose Arturo, CEO do Grupo Landro Carioca, ser humano único, de primeira grandeza.

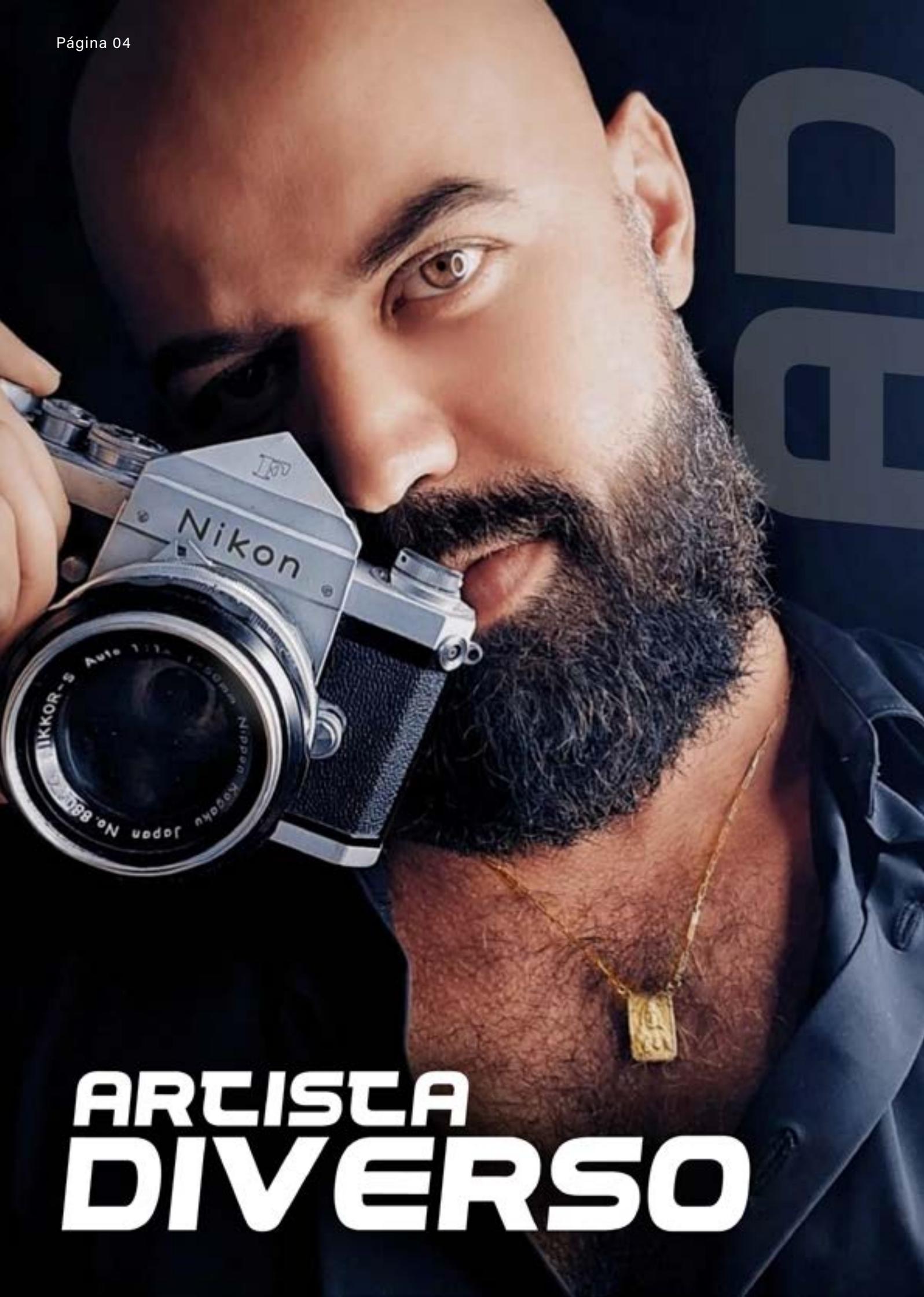
Sem amarras, seguimos. Acertos tivemos. Alguns erros, provavelmente. Desafios que, uma vez sobrepujados, agora me permitem ousadamente direcionar essas palavras introdutórias rumo a esse emaranhado cognitivo.

Assim, a Diverso já inicia sua história unindo debates sobre empregabilidade, arte, saúde mental, fé, diversidade sexual, livre expressão e diálogos múltiplos. Nossa proposta é ser um suplemento de amparo científico e acadêmico, com uma comunicação fácil e atraente. Esperamos que tanto o erudito quanto o popular possam ser utilizados pelos mais diversos sujeitos que nos leem para fazer com que suas vidas sejam mais iluminadas e o mundo um lugar melhor.

Como diria RuPaul:

Gentleman, start you engines!

João Batista da Silva Junior
Editor Chefe



ARTISTA DIVERSO

LÊO CASTRO

POR LEANDRO BOLIVAR

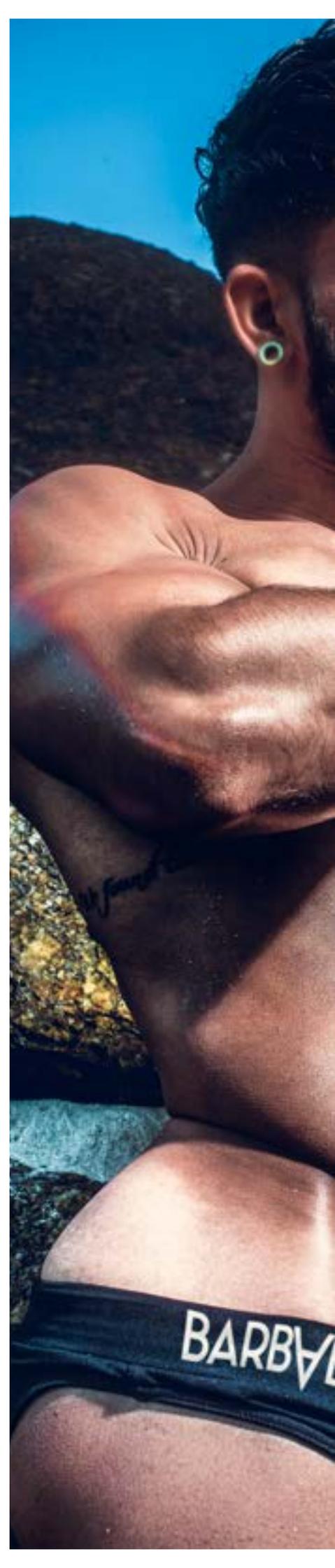
Lêo Castro é um fotógrafo brasileiro especializado na captura da beleza masculina, com mais de uma década de experiência na área. Formado em Farmácia, ele decidiu seguir sua paixão pela fotografia, destacando-se por ensaios que exploram a sensualidade e a estética masculina.

Em 2015, Castro lançou o livro "Rio Men" pela German publisher Bruno Gmunder. Antes de ser publicado no Brasil, o livro já havia ganhado destaque internacional na Europa e nos Estados Unidos. Além do "Rio Men", LêoCastro colaborou com diversas revistas renomadas.

No Brasil, Leo assina alguns ensaios para a Grife Seven Men. É dele as primeiras fotos das jockstraps que fazem a cabeça de centenas de homens por todo o país. Castro aceitou de pronto o convite para ilustrar a Diverso e nos apresenta um ensaio de encher os olhos. Sua capacidade de apresentar a beleza masculina de modo único o tornaram uma referência no segmento de moda e arte, com reconhecimento tanto no Brasil quanto no exterior.

Confira algumas fotos do ensaio exclusivo com o modelo Pietro Duarte clicado por Lêo Castro para essa edição.







R E L A T O



UM ENCONTRO SAGRADO

P O R J O Ã O J U N I O R

Este é um breve relato de um acontecimento inesperado que teve fortes, positivas e severas repercussões na minha vida. Um simples aperto de mão, um sorriso e um convite podem ter os significados mais diversos que a mente humana é capaz de atribuir.

Para muitos, ver o papa é algo normal. Para mim, que nem mesmo era católico, significou muito. Para as pessoas à minha volta, a importância do acontecido variou de modo significativo. Mas o importante é que se hoje escrevo esse breve e enxuto relato, é porque no geral eu noto que as pessoas se sentem inspiradas pelo o que aconteceu. E esse é o objetivo dessa miscelânea, dessa diversidade de coisas, não é mesmo? Fortalecer e reconhecer. "Que legal!", "Que bacana!". Essas são as frases que nos energizam todos os dias, especialmente nessa empreitada que é começar uma revista, uma editora, uma produtora e muito mais coisas que O Estima tem potencial de ser.

Mas vamos ao Papa:

Durante mais de um ano, eu planejei minha maior viagem à Europa. Com muita antecedência, fui comprando as passagens, reservando os hotéis. A ideia inicial era encontrar minha melhor amiga Céline na Bélgica e, uma vez no continente europeu, aproveitar para realizar meu maior sonho artístico: ver o David de Michelangelo que fica no "Museo dell'Operadi Santa Maria del Fiore", em Florença, na Itália. Uma vez posto a

Itália no roteiro, surge impressionantemente o desejo de ver o Papa, mesmo que de longe. Pois bem. Quem vai a Roma deve ver o Papa.

Encurtando a história, no último dia 18 de setembro, aconteceu a experiência que eu denominei de "O encontro Sagrado". Ao chegar cedo à sagrada Praça São Pedro, na Cidade do Vaticano, para assistir à chamada "Audience générale", uma cerimônia solene que acontece às quartas-feiras, quando o Papa não está viajando, e que reúne milhares de pessoas do mundo todo, eu não encontrava o meu lugar.

Um dia antes, quando fui buscar meus convites, que são gratuitos, eu já fiquei bem impressionado, pois tinha meu nome completo no envelope. Ao chegar à fila, no dia da audiência, já por volta das 5h da manhã (a reunião era às 9h já havia uma fila). Uma informação importante: quando eu estava na fila, uma família muito bem vestida, elegante etc. me informou que os convites tinham cores. Eu não tinha me dado conta disso. Ao ser informado que o convite deles era cinza, e o meu amarelo, supus que eu ficaria na plateia comum e que eles provavelmente ficariam em um camarote ou algo assim. Em dado momento, minha mente abandonou esse pensamento e voltei meu foco para a entrada.

Como falei, ao entrar não encontrava meu lugar. Foi quando, então, com a "cara de pau" que me é peculiar, eu fui a um guarda Suiço do Vaticano e perguntei em inglês: "Please, can you hep me?



João Júnior é ex-jardineiro e vendedor de balas.

É Mestre Antropologia social pelo programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA-IFCS/UFRJ).

É Doutorando pelos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/IFCS/UFRJ) e Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (PGCS/UFES).

Where is my chair". O guarda incrédulo (ninguém fala com eles) me perguntou qual era o meu convite. Ao ver a cor, ele impassivelmente educado e sem nenhum sobressalto disse algo como "seu lugar não é aqui. Seu lugar é lá em cima com Sua Santidade". A partir daí, minha mente, confesso, entrou em modo automático. "Lá em cima" era em um palco pequeno, bem orlado onde Sua Santidade em Pessoa se sentaria.

A verdade, para mim, é que podemos ter muitas opiniões sobre pessoas e coisas, mas a realidade é mais complexa do que o mundo das ideias. A possibilidade

de estar tão próximo do Líder religioso mais importante do planeta me fez, em poucos segundos, questionar quase tudo que eu pensava saber ou tinha certeza sobre o tema Igreja Católica. Como cientista social, esse tema me é inescapável. Somado a isso, ainda há o fato de que sou um homem gay com formação no campo da sexualidade e do gênero. O embate entre sociedade x indivíduo x Igreja Católica nos é um tema recorrente. Mesmo assim, nada disso passou pela minha mente. Eu só pensava "meu Deus, eu vou ver o Papa de pertinho e chorava".

Com o eu disse, foi uma viagem que eu planejei com um ano de antecedência e que tinha muitas chances de eu não conseguir se quer es-

tar em Roma quando o Papa estivesse lá. Como viaja muito, até a véspera da viagem, ainda não se tinha certeza se ele estaria no Vaticano no mesmo periódico no qual eu também estaria e, para complicar mais as coisas, já constava na agenda oficial dele uma série de viagens que iria fazer para diversos países. Eu só tinha uma chance e, cerca de quinze dias antes, saiu a confirmação de que o Papa estaria na "Audiência Generale".

Diante da alta procura para a cerimônia religiosa, é

necessário se inscrever com antecedência. Na mensagem, que é necessária ser enviada para garantir a participação na audiência, eu fui muito sincero. A primeira coisa que escrevi foi: "Eu sou homem brasileiro e gay. Admiro muito Sua Santidade justamente por suas atitudes conciliadoras."

Ainda assim, é preciso chegar bem cedo para ter uma chance de estar entre a multidão que lota a Praça de São Pedro. Essa é pra mim uma experiência muito sa-



Eu e a ministra da Cultura Margareth Menezes. Fonte: acervo pessoal.

grada. Em relação a isso, há muitos detalhes e alguns deles eu acho respeitoso guardá-los para mim, mas basicamente eu me inscrevi como todo mundo e procurei ser o mais sincero possível. Recebi o e-mail de confirmação e, um dia antes, fui pegar o meu convite, conforme as regras de acesso à cerimônia.

Eu já fiquei emocionado por ter um convite que veio com meu nome completo no envelope. Me lembro de ter chorado muito só de já ter conseguido o convite. No dia

seguinte, fui para a fila como todos; cheguei por volta das quatro horas da manhã. A grande surpresa veio quando fui perguntar para um guarda onde era meu lugar. Ele da forma mais gentil possível me avisou que meu lugar não era lá embaixo com a multidão. Disse que eu deveria me dirigir para a área superior, lá em cima perto de onde o Pontífice ficaria.

Confesso que, nesse momento, minha mente entrou num estado de suspensão e eu simplesmente senti que deveria seguir em frente. Ao chegar lá em cima, depois de passar pela segurança super rígida, havia um mordomo do vaticano me esperando. Meu nome constava numa lista e me colocaram a menos de trinta ou cinquenta metros do Papa. Diante

disso, tudo que eu deveria fazer era agradecer ao que eu considero ser Deus por essa grande oportunidade. E, para mim, não existe contradição alguma em dizer que foi uma grande oportunidade. Não sou católico, mas sou um humano que é fascinado pelos humanos, e isso por si só me faz achar incrível toda a mística, todo o mito, todas as críticas, e toda a profusão de ideias e discursos que o Papa Francisco provoca.

A cerimônia foi longa e narrada em vários idiomas.

Pouco ou quase nada me lembro do que foi dito, exceto que a fome era um problema grave, que as guerras destroem vidas inocentes sobretudo dos mais vulneráveis e uma exortação que Deus iluminasse a mente dos líderes mundiais. Se posso ter o direito de fazer uma breve avaliação da postura eclesial papal atual, me parece que o foco é debater e mitigar os pecados maiores da humanidade contra si mesmo. Uma avaliação mais profunda deixo para os pesquisadores da área.

Ao fim da audiência, na hora de ir embora, o Papa se levantou; eu pensei que tinha acabado a missa. Dei uma última olhada na figura do Padre e perguntei a um segurança se eu poderia sair. Foi quando a coisa mais incrível do dia aconteceu. Imediatamente após me ouvir, seguranças falou de modo extremamente educado que eu não deveria sair porque Sua Santidade iria cumprimentar alguns convidados. Confesso que nesse momento minha mente paralisou e simplesmente fiquei ali de pé, esperando o que parecia impossível se realizar. Eu fiquei num estado de graça. Tudo que preciso dizer é que esse foi um dos momentos mais bonitos e incríveis da minha vida.

Eu evito conscientemente fazer análises muito

profundas do porque isso aconteceu. Tomei para mim como um acontecimento sagrado. Sou um homem negro, gay, morador de uma país da América Latina e pesquisador de gênero e sexualidade. No Estima, sou um dos coordenadores de ações de capacitação de jovens empreendedores. Como eu disse, eu informei parte disso em minha inscrição. Se isso foi um fato para o convite, sinceramente eu não me levo a esse

primeiro impulso quando a vi? Foi cantar "Faraó" lógico. Mas me contive.

Para mim, tal encontro deve ser visto dessa maneira: um poderoso gesto de conciliação e boa vontade. Algo tão importante em nossos dias.

Note que a maioria das pessoas está de preto ou branco. Eu sou o único que está de verde fluorescente. Como eu não sabia o



Eu e o Papa, 18.09.2024 Fonte: Vaticanmedia.

questionamento. O que posso dizer é que o Papa foi muito gentil e simpático. Sei que essa foi uma oportunidade rara de poder apertar a mão de Sua Santidade e conversar com o maior líder religioso do planeta Terra. É para mim uma experiência sagrada da qual eu jamais esquecerei.

Tive ainda a oportunidade de encontrar a ministra da Cultura que também estava lá no dia. Meu

que iria acontecer, fui com o único casaco que tinha levado para a viagem. Depois me fizeram perceber que eu sou o único que não está com uma roupa solene. O Papa tem muito senso de humor; imagino que ele deve ter achado inusitado.

Faço votos de que essa seja uma história inspiradora.

INTERNACIONALIZE SUAS PESQUISAS PUBLIQUE EM INGLÊS!

Tradução e revisão completa de textos acadêmicos



neloombo

Language School

www.neloombo.com.br



11 98276-8535

**ATENDIMENTO ON-LINE
PARA TODO O BRASIL**



APOIO

www.fundacaoestima.com.br



www.grupolandrocarioca.com.br



ENTREVISTA
INTERNACIONAL

PROFESSOR
MACCIJS
VAN
DE
PORT

POR JOÃO JUNIOR

João Júnior (JJ):Quais suas principais motivações para continuar seguindo a carreira acadêmica?

Mattijs van de Port (MP):Boa pergunta. Como antropólogo, sempre explorei as margens e as periferias, bem como as pessoas que habitam tais áreas. Estou interessado nas “transgressões”, nos “êxtases”, na “selvageria”. Como um homem gay, esses temas estão próximos do meu coração. Não é de se admirar, então, que em minhas pesquisas eu sempre tenha sentido a necessidade de resistir às convenções da Academia: suas formalidades rígidas; as tendências purificadoras de suas metodologias; a limpeza de sua estética ordenada; suas hierarquias inquestionáveis; sua insistência em respeitabilidade e seu bom gosto; sua cegueira para com os humanos como seres emocionais, sensoriais, desejantes e sexuais. Essas convenções com as quais tenho lutado foram brilhantemente analisadas pelo sociólogo britânico John Law, que uma vez escreveu: “acadêmicos distorcem a realidade em clareza”.

E, no entanto, a antropologia é aquela disciplina dentro da Academia onde as formas recebidas de conhecimento são criticamente abordadas; onde uma diversificação radical de métodos e ‘modos de conhecimento’ estão na agenda; onde os pesquisadores estão experimentando diferentes formas de escrever e usam diferentes mídias (filme, fotografia, desenho e curadoria) em uma

tentativa contínua de “saber de outra forma”. Portanto, eu só posso dizer que tem sido um privilégio poder trabalhar na universidade.

JJ: Nós sabemos que você já lançou diversos livros e filmes, mas, na sua opinião, qual trabalho sei teve maior impacto social?

MP:Francamente, sempre acho que é através da minha forma de ensinar que posso fazer a diferença, ou gerar um “impacto”. Adoro a interação com os alunos, especialmente agora que a diferença de idade está aumentando entre eles e mim. Reconheço suas aspirações, suas incertezas - eu era muito parecido com eles quando estudava [como aluno]! -. Do lugar onde estou agora, em termos de carreira, procuro mostrar-lhes que não há problema em ser diferente, que a Academia é uma instituição a qualos pressiona a pensar de uma certa maneira, a agir de uma certa maneira, a escrever de uma certa maneira, mas que se pode realmente ser um acadêmico “queer” (como é chamado hoje em dia), encontrar a própria voz e ser creditado por isso.

Eu acho (ou melhor: espero) que meus textos tenham sido vistos como uma inspiração para alguns antropólogos aqui e ali... O estranho com a escrita acadêmica é que você encontra tão pouca resposta ao seu trabalho. Eu nunca fui muito bom em colocar meus livros no mercado, produzir leitores para eles com palestras e turnês de livros e o que você quiser.



Mattijs van de Port é um antropólogo, diretor de cinema e pesquisador holandês, conhecido por seu trabalho nas áreas de estudos culturais e sociais. Ele é reconhecido por suas pesquisas sobre intercâmbio cultural, globalização e identidades. Como diretor, seus filmes exploram as dinâmicas culturais e sociais, com foco em narrativas pós-coloniais. Van de Port também investiga as questões de mobilidade e poder nas culturas contemporâneas. Atualmente, é professor e colaborador em diversas instituições acadêmicas.

Sou tão impaciente. Quando um livro é feito, eu já quero passar para o próximo projeto. Dito isto, meu trabalho sobre a Sérvia foi escolhido quando foi lançado - sem dúvida porque a guerra na antiga Iugoslávia estava em todas as notícias -, e as pessoas estavam meio que procurando desesperadamente por “explicações” para toda essa violência horrível em suas televisões. Meu trabalho escrito sobre o Candomblé teve muito menos ressonância e circulou principalmente

em círculos especializados. Fiquei realmente surpreso (e honrado!) quando um jornal brasileiro (Debates do NER) organizou uma edição especial sobre um artigo que eu havia escrito sobre o Candomblé como um “banco de símbolos” para movimentos sociais (ativistas gays, ativistas negros, ativistas ambientais).

Uma das grandes alegrias de fazer filmes é exatamente o fato de que a resposta ao seu trabalho é imediata. Não há nada que eu goste mais do que assistir a uma exibição dos meus filmes em um festival, sentar em um cinema e registrar as reações de uma audiência enquanto o filme está passando, assim como as perguntas que vêm depois. Nem preciso dizer que há

uma disposição muito maior de assistir a um filme de 70 minutos do que de ler um livro de 350 páginas! Como comecei a fazer filmes bem tarde (meu primeiro foi em 2013), é difícil avaliar seu impacto no campo da antropologia visual. Estou explorando um gênero específico na produção cinematográfica – o filme ensaio – porque quero fazer filmes que não sejam apenas sensorialmente ricos e esteticamente agradáveis, mas também intelectualmente estimulantes. Quero que provoquem pensamento, dis-

cussão, debate, pois é isso que os antropólogos devem gerar na sociedade.

Como os filmes estão indo bem no circuito de festivais e têm uma longa vida útil online, gosto de pensar que minhas intenções e explorações ressoam com as de outros antropólogos visuais.

JJ: Você poderia compartilhar quais foram as principais experiências que teve fazendo suas pesquisas?

MP: Eu sempre penso que fazer pesquisa como antropólogo é sobre poder encontrar



Mattijs van de Port - Fonte: acervo pessoal.

os modos de vida de outras pessoas. O encontro é central. Nós aprendemos ao entrar em um mundo que não foi feito por nós, tentamos nos ajustar a esse mundo, e inevitavelmente descobriremos que isso só é possível até certo ponto. O trabalho de campo sempre implica um tipo de descarrilamento, um tipo de se perder, de esbarrar nos limites de suas compreensões – e você sempre aprende sobre os infinitos outros modos de estar no mundo. Isso nem sempre é agradável, ou “legal” (por

exemplo, na Sérvia, que era uma sociedade muito homofóbica, eu tive que “voltar para o armário”), mas é absolutamente enriquecedor sair da bolha e aprender como as outras pessoas vivem. Eu sempre tento incentivar meus alunos a terem essa experiência, mas percebo que cada vez mais eles estão com muito medo de ter esse encontro profundo com pessoas diferentes deles.

JJ: Como você começou a se interessar por cinema e como isso agrega valor em seu trabalho como antropólogo?

MP: Então, isso remonta à minha insatisfação com as convenções da escrita acadêmica, e acadêmicos ‘distorcendo a realidade em clareza’. Claro, esclarecimento é uma maneira de chegar a um entendimento e, às vezes,

é isso que você quer fazer. Mas quando o mundo está uma bagunça, e as pessoas estão realmente vivendo essa bagunça, sentindo, experimentando, é meio estranho começar a limpar o mundo para que o leitor possa dizer: “Ah, agora está claro, agora eu entendo, agora eu entendi!”. Por que razão, então, os leitores chegam a essa conclusão? A imagem ordenada! Não a realidade vivida, onde tais ordens são difíceis de verificar – ou mesmo ausentes – e onde a bagunça é real. O filme, que é esse meio multi-

canal, onde você pode articular suas descobertas de pesquisa em uma combinação de textos, sons, imagens em movimento, música, é muito mais hospitaleiro à bagunça do mundo. É um meio que permite o não-saber, o meio-saber, o sentir; é um meio onde pensamentos e argumentos nunca podem ser isolados do mundo: todo pensamento que é articulado em voice-over é imediatamente desafiado pelo que está para ver, o que está para ouvir, o que está para sentir. O tipo de pensamento purificado e purificador, que a Academia tanto aprecia, é impossível no cinema. É exatamente por isso que eu aprecio tanto esse meio.

JJ: Quais seus principais planos futuros profissionais? Podemos esperar algum lançamento de livro ou filme para 2025?

MP: Com certeza, neste ano não! Fazer um filme dá muito trabalho, e acabei de terminar *Where Can I Get Lost?* Mas sim, já estou pensando em um novo projeto, no qual desejo mudar da área do Recôncavo na Bahia para a terra semiárida do Sertão. Como sempre, as masculinidades serão centrais para este projeto. Estou pensando em focar no couro, que como material é tão evocativo do Sertão, das vacas e dos vaqueiros, dos caboclos de couro, que imediatamente

traz o corpo e a pele, e que tem toda uma história que-er também. Mas estou realmente apenas começando a ler e pensar sobre este assunto. Estou assistindo a muitos faroestes e lendo sobre *Lampiã* ultimamente.

JJ: Qual foi o principal desafio enfrentado para a produção do filme “Onde posso me perder?” ?

MP: Fazer *Where Can I Get Lost?* foi uma espécie de montanha-russa emocional.

e na beleza sublime. Uma das principais linhas narrativas do filme é sobre o que os franceses chamam de *un amour fou*, um caso de amor louco, impossível e apaixonado com um baiano que me fez descarrilar totalmente. Foi realmente um desafio trazer as complexidades desse caso para a forma cinematográfica, ainda mais quando ainda se está vivendo essas complexidades. Mas, novamente, isso é, como argumentei



Mattijs van de Port & Meidson de Lima Oliveira - Fonte: acervo pessoal.

O filme discute o desejo de se perder – estou realmente intrigado que pessoas em todo o mundo, e em todos os tipos de épocas diferentes, tenham construído labirintos: estruturas que são feitas com o único propósito de se perder! Sobre o que é esse desejo? Eu exploro o tema em diferentes arenas nas quais as pessoas se perdem: nas paixões do amor e de fazer amor, na loucura, nas pessoas que se afastam para o deserto

acima, exatamente sobre o que a antropologia trata.

JJ: Como você espera que o público reaja ao filme?

MP: Espero realmente que as pessoas achem o filme um espaço onde possam refletir sobre seus próprios medos e desejos em torno do tema de “se perder”, que também significa ser o tema de “pertencer”. Foi um grande desafio encontrar uma forma adequada para um filme sobre se perder.

O tempo todo eu tinha que me perguntar: quanta sinalização eu vou fazer? Eu não queria que as pessoas ficassem completamente perdidas sobre para onde o filme está levando, mas eu não me importaria se elas perdessem um pouco o rumo, deixando seus preconceitos e suposições para trás, para assim encontrar novas visões, novos pensamentos, novas sensações. Espero também que o filme seja entendido como um argumento contra a violência do pensamento esquemático e categórico; a rigidez da política de identidade; a dureza das linhas retas. Em sua estética, o filme toma emprestado espirais vertiginosas, cachos encaracolados e formas que mudam de forma do barroco baiano.

JJ: Quais conselhos você gostaria que tivessem lhe dado quando iniciada sua carreira como estudante de antropologia?

MP: Não tem problema ser diferente. Antropologia é a arte de tropeçar.

JJ: Qual o principal legado que você gostaria de deixar para a sociedade, para ser eternizado na memória de todos?

MP: Isso é quase como perguntar: "o que você vai escrever na sua lápide?". Ainda não estou pronto para isso! Mas é claro que eu quero realizar algo no campo da antropologia visual: desenvolver um modo de fazer filmes que fale sobre as conversas extremamente interessantes que os antropólogos estão tendo sobre todos os tipos de tópicos. Por muito tempo, a

antropologia visual se isolou. É como se os filmes não tivessem nada a contribuir para essas conversas ou pudessem ser apenas o objeto passivo de tais conversas vez de ativamente adicioná-las. Além disso (e, de fato, eu não me importaria de ter isso na minha lápide): "ele nunca desistiu da beleza".

JJ: Como você consegue manobrar seu tempo para tantos projetos profissionais? Como equilibrar isso tudo com a vida pessoal?

MP: Acho que minha atitude é muito parecida com a de um artista: separar a parte profissional de "uma vida pessoal" não faz sentido. A criação é o que eu vivo, literalmente minha razão de ser. Se não for isso, o que mais? E esse impulso, essa urgência inclui o ensino: adoro trabalhar com meus alunos, ouvir sobre quem são, em que momento estão na vida. Minha aposentadoria está chegando. Já sei que sentirei muita falta da conversa com as gerações mais jovens.

JJ: Como você vê o futuro da antropologia?

MP: Espero sinceramente que haja um futuro para uma disciplina que busca incansavelmente a complexidade, que leva em conta as contradições e os paradoxos da vida, as impossibilidades que vêm com a condição humana. Espero também que a antropologia não se intimide em se entender como o estudo dos outros, o estudo que exige que alguém saia da sua bolha e mergulhe nos modos de vida dos outros, para assim aprender que há tantas maneiras

diferentes de ser humano. Eu me oponho ferozmente às vozes que afirmam que só se pode estudar a si próprio. Precisamos aprender com encontros interculturais, interracialis, intersexuais e interclasses.

JJ: Existiu um momento em que você pensou em mudar de área profissional. O que fez você reconsiderar esse impulso?

MP: Pelos motivos explicados acima, senti em algum momento que a Academia não era um lugar para mim, que não combinava com minha perspectiva de vida e de ser. Então, depois do meu doutorado, deixei a academia por um ano e trabalhei em jornalismo de rádio, organizando debates e noticiários. Logo fiquei desapontado com a superficialidade das conversas de rádio e a velocidade com que os tópicos eram tratados. Cinco minutos para a guerra no Líbano. Três minutos para as eleições no Brasil. Que tipo de entendimento pode surgir disso? Percebi que a antropologia já havia me tornado inadequado para esse tipo de jornalismo. Felizmente, consegui encontrar meu caminho de volta para a Academia.

JJ: Por fim, poderia nos dizer quais são as principais referências culturais para a produção de seus filmes?

MP: Aqui darei apenas alguns nomes de figuras inspiradoras que me vêm à mente, esquecendo-me, sem dúvida, de uma longa lista de outras: Derek Jarman, Pedro Almodóvar, Sergej Paradzjanov, Christian Suhr, Agnes Varda, Chris Marker, Bertold Brecht, Lars von Trier.

house

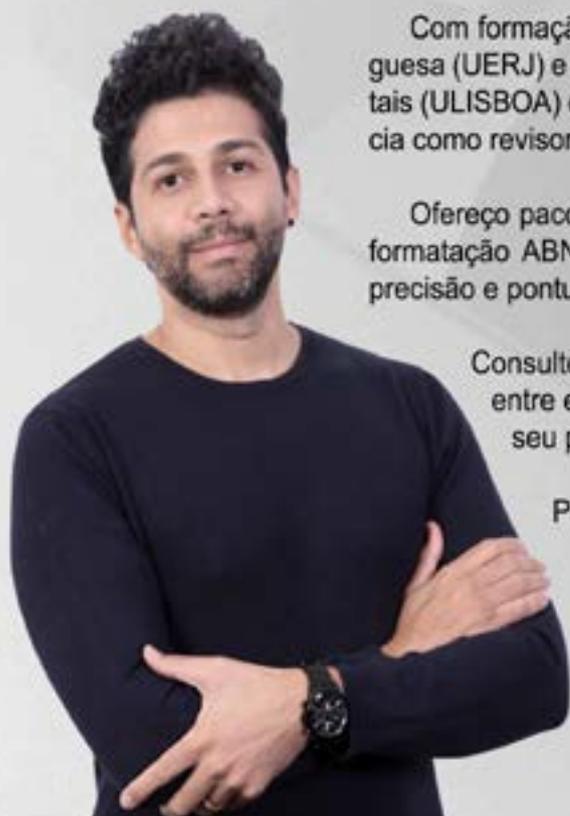
sua agência

Flyers - Sites - Vídeos - Revistas e muito mais.



 19 99357-1118

Revisão e formatação de textos (ABNT)



Com formação em Letras: Português-Espanhol, especialização em Língua Portuguesa (UERJ) e Língua Espanhola (UVA), mestrado em Educação e Tecnologias Digitais (ULISBOA) e doutorado em Letras (UFRJ), tenho mais de dez anos de experiência como revisor textual.

Ofereço pacotes promocionais, com preços acessíveis para correção gramatical, formatação ABNT e tradução (português-espanhol-português). Garanto qualidade, precisão e pontualidade para que seu trabalho tenha êxito.

Consulte meu currículo Lattes (<http://lattes.cnpq.br/9760230550422481>) e entre em contato para saber mais sobre como posso ajudar a aprimorar seu projeto!

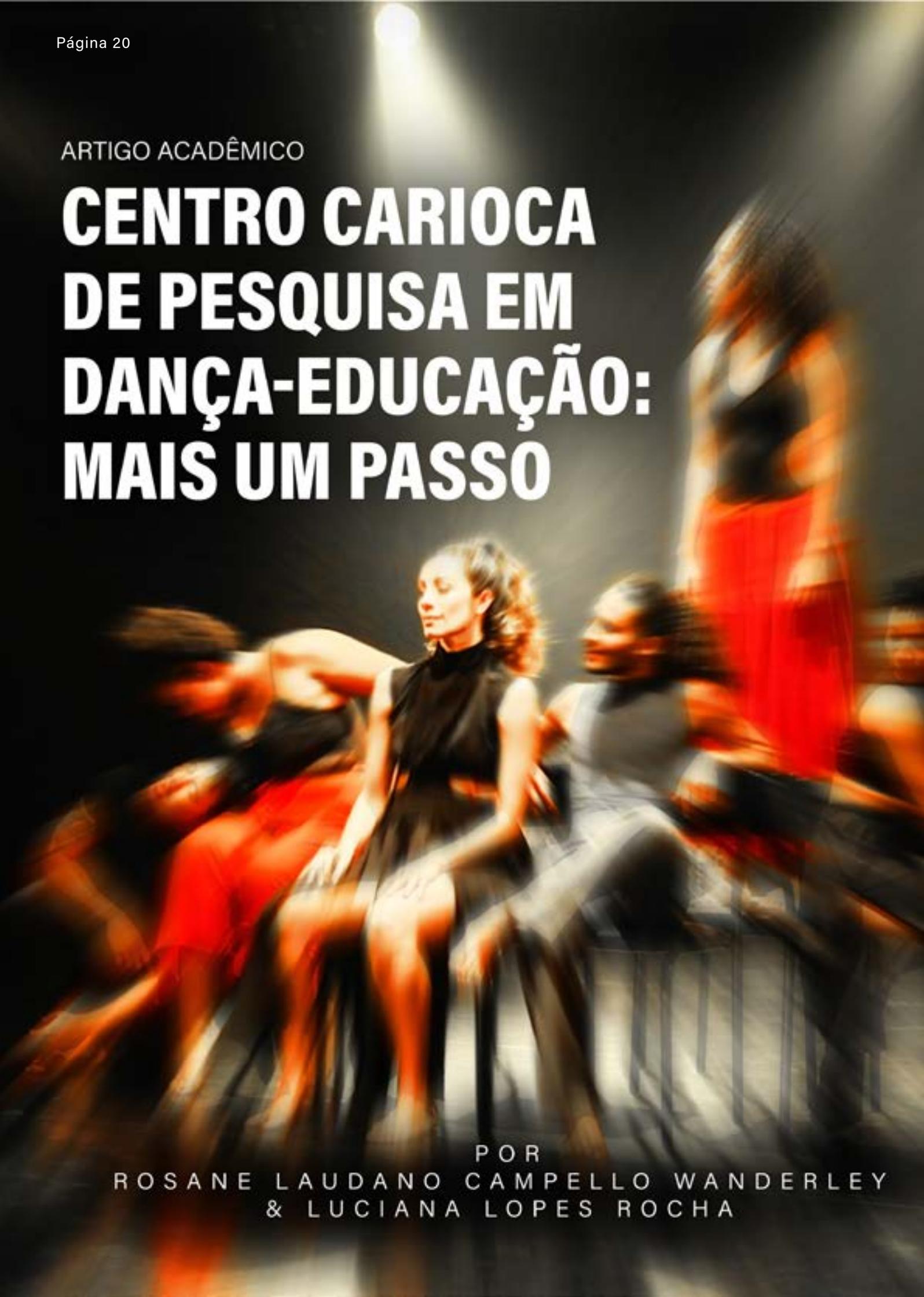
Pagamento facilitado via Pix, com 50% na solicitação e o restante na entrega do serviço. Aproveite essa oportunidade para garantir a melhor orientação e revisão para seu texto!

 **21 96451-8470**
leandrobolivar.ufrj@gmail.com

ARTIGO ACADÊMICO

CENTRO CARIOCA DE PESQUISA EM DANÇA-EDUCAÇÃO: MAIS UM PASSO

POR
ROSANE LAUDANO CAMPELLO WANDERLEY
& LUCIANA LOPES ROCHA



Este texto descreve brevemente uma trajetória fomentada a partir de um núcleo artístico educacional que surge na Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch, rede Faetec de ensino, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Rio de Janeiro. Conjuga a experiência da Companhia de Atores Bailarinos Adolpho Bloch e do Curso Técnico em Dança, construído na mesma unidade, com a consequente formação do Centro Carioca de Pesquisa em Dança Educação – espaço organizado para fomentar a pesquisa nesta área.

Sob direção artística de Rosane Campello, a Companhia de Atores Bailarinos



Apresentação do Espetáculo Bar da Esquina, em comemoração aos 25 anos da Cia de Atores Bailarinos Adolpho Bloch/ 2024.

Adolpho Bloch é um núcleo artístico-pedagógico desenvolvido desde setembro de 1999. Visando atender o aluno em sua complexidade, a referida companhia promove encontros socioculturais progressivos, concilia formação e informação e conduz uma nova relação do aluno com seu entorno, educando-o para o devir (autonomia) e não para o dever (disciplina). Muitos de seus ex-alunos ou ex-integrantes seguiram na formação continuada e hoje são mestres

e doutores nesta área de conhecimento, além de bailarinos, coreógrafos e professores da rede pública de ensino.

No decorrer de sua trajetória, a Companhia apresentou 12 espetáculos que circularam pelos principais teatros da cidade. Em 2015, foi convidada a participar do Festival PatriciaAulestia, em Matehuala, no México, iniciando a sua primeira turnê internacional e abrindo caminhos para o projeto Conexão Brasil-México, uma parceria de intercâmbio artístico-pedagógico desenvolvida com artistas mexicanos.

Paralelamente ao trabalho artístico, a Companhia tem fomentado a realização de

seminários, mostras e oficinas. Uma destas ações permanentes é o Seminário Instâncias da Dança Educação Carioca, promovido pela Companhia em parceria com o Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro e o Curso Técnico em Dança/Faetec. O Seminário, que em 2024 realizou sua 9ª edição, tem o intuito de fomentar o pensamento crítico em torno do campo da dança-educação, integrando relatos de experiências, perspectivas



Rosane Laudano Campello Wanderley

é mestre em Ensino das Artes Cênicas pela UNIRIO. Pós-graduada em Didática do Ensino da Dança. Pós-Graduada em Metodologia do Ensino. Duas extensões em Nova Iorque. Diretora artística da Companhia de Atores Bailarinos Adolpho Bloch. Coordenadora e idealizadora do curso Técnico em Dança da Rede FAETEC de ensino. Diretora do Centro Carioca de Pesquisa em Dança-educação - CCPD

e propostas de educadores em dança de diferentes sistemas de ensino.

Em 2024 a Companhia completou 25 anos de trabalho contínuo e ininterrupto em Dança educação e, para celebrar sua trajetória, trouxe aos palcos o espetáculo Bar da Esquina, sob a direção de Rosane Campello. Inspirado na dramaturgia de Nelson Rodrigues e Carlos Heitor Cony, o espetáculo traduz em carioquês o emblemático espetáculo "Café Muller", da coreógrafa alemã Pina Bausch, materializando e encorpando uma linguagem cênica que vem sendo construída e lapidada desde sua origem.

Curso Técnico em Dança e Metodologia Dança Significativa

As experiências brevemente fomentadas neste trabalho geraram o primeiro Curso Técnico em Dança público com Matriz Curricular Integrada da América Latina. Sua história é uma referência de trabalho ininterrupto na dança-educação carioca. O projeto foi apresentado e aprovado por Rosane Campello na Rede FAETEC de ensino, Secretaria de Estado Ciência, Tecnologia e Inovação do Rio de Janeiro. O curso, que tem três anos de duração, aponta como exigência para ingresso apenas a conclusão do nono ano do ensino fundamental. Componentes do ensino médio e técnico caminham juntos e são articulados a partir de um projeto anual que é transformado em espetáculo ao fim de cada etapa. Os alunos estudam, por exemplo, o corpo a partir da biologia, da física, da química e da filosofia, integrando os binômios conceituais Mundo-Corpo, Brasil-Movimento e Rio de Janeiro-Cena a todos os componentes curriculares, onde a Dança configura-se como Ciência, Tecnologia e Inovação.

A partir de sua matriz curricular integrada, o curso desenvolve uma abordagem integradora dos saberes cuja base conceitual é fundamentada na Metodologia Dança Significativa. Segundo Wanderley (2019):

Educar pela dança precisa significar criar novos objetos de estimulação que matizem a dinâmica pessoal do aluno e promovam uma nova atitude deste em relação a seu entorno. Mas que, em nenhum momento, despreze o que ele traz como história pessoal, nem ampute o valor do que ele vivenciou até chegar no ambiente de ensino. Assim, o aluno conquista, por meio do ensino da dança, uma autonomia que permite aumentar a confiança em si, a influência em sua própria família e na comunidade em que vive, agindo como um condutor multiplicador nessas esferas sociais com as quais interage. (Wanderley, 2019, p.33).

A Metodologia Dança Significativa é concebida a partir dos pressupostos conceituais de educação construtivista de Piaget, Vygotsky, e Wallon, dos pressupostos filosóficos de Nietzsche, Foucault e Deleuze e alicerçada na proposta de aprendizagem significativa de David Ausubel, que indica como fundamental a consideração dos conhecimentos prévios e das experiências anteriores dos educandos no diálogo com os novos conhecimentos propostos pelo professor mediador. Nesse processo, o estudante amplia e atualiza a informação anterior, atribuindo novos significados a seus conhecimentos.

Para além de ampliar as possibilidades de mercado de trabalho ou formar profissionais em dança, o Curso tem como proposta criar e fomentar ambientes de partilha de conhecimentos e reflexões sobre cidadania, diversidade, pluralidade cultural, formação sociopolítica a partir da consciência de si e de práticas colaborativas, autônomas e emancipatórias promovidas através da pesquisa em dança. Nesse sentido, tratar dos impactos de uma proposta integrada de ensino aprendizagem a partir do corpo, pela dança e para a dança na escola pública, com enfoque na autonomia artística e cultural dos alunos, é propor um olhar cuidadoso para a potência de ação de corpos transformadores de si, dos espaços que ocupam e impactados política e socialmente pela arte da cena.

Ensinar a pensar, ensinar a construir e lapidar sonhos, construir quedas e elevações de um entendimento que transforma a sensação de estar no mundo, fomenta o comprometimento oriundo dessa percepção e propicia a capacidade de voar, cada vez mais alto e distante, além. (Wanderley, 2019, 40-41).

Assim, a aplicação de processos de ensino-aprendizagem voltados para a autonomia dos alunos, que se dão a partir da experiência, da consciência corporal, da criação em dança, podem ser, como observado neste processo, lugares designificação e empoderamento, onde o educando propõe seu percurso e constrói suas propostas de pensamento e reflexão a partir do corpo, do movimento e da cena.

CCPD: Quando um passo coletivo vira um grande passo.

O Centro Carioca de Pesquisa em Dança-educação (CCPD) surge, então, da necessidade de acomodar a história de pesquisa e atuação neste campo, promovida nesses 25 anos da Cia de Atores Bailarinos Adolpho Bloch, a partir do incentivo permanente para formação continuada-primeiro dos integrantes da Cia e depois dos formandos do Curso Técnico em Dança. Um espaço privado que nasce para garantir campo de atuação profissional, pesquisa e

des ideias e inovações. Possui internet, livros específicos, acervos fotográfico e videográfico que podem ser acessados, utilizados e emprestados.

Enquanto ação artístico-pedagógica, com exceção de cursos de aprimoramento de professores, o espaço prima pela contribuição espontânea para alargar as oportunidades de reciclagem. Além disso, o espaço abriga a Cia Adolpho Bloch em suas criações e abre a cada final de mês para uma pequena mostra para público restrito, incentivando a formação de plateia.

Divulgamos e promovemos ações em parceria tanto com universidades (com foco nos alunos formandos do cur-



Luciana Lopes Rocha

é Mestre em Ciência da Arte pela UFF e pós-graduada em Arte Cultura e Sociedade. Bacharel em Dança pela UFRJ e Sistema Laban/Bartenieff pela Faculdade Angel, Licenciada em Artes/Dança pela UCAM. Docente do Curso Técnico em Dança Integrado/ Rede FAETEC. Atriz-bailarina da Cia de Atores Bailarinos Adolpho Bloch.



Registro do I Encontro Latino americano de Políticas Públicas, como parte da programação do 9º Seminário Instâncias da Dança educação carioca/2024

aprimoramento de estudantes oriundas da escola pública, dignificando a inserção destes no mercado de trabalho com orientação pedagógica e artística, que sempre precisará ser lapidada.

Composto por três ambientes, o espaço propicia a formação de grupos de pesquisa, oficinas, trocas pedagógicas e artísticas e uma sala descanso- respeitando o ócio criativo tão propício às gran-

so técnico), quanto com demais instituições que primem pelo aumento de políticas públicas para a dança de nossa cidade, pretendendo ser um ponto de encontro para quem, como nós, respira dança!

Conduzidos pela metodologia Dança Significativa, baseada em síntese realizada pela professora Rosane Campello, a partir das teorias de aprendizagem significati-

va de David Ausubel em conversa com outros teóricos da aprendizagem, este tríduo Companhia Adolpho Bloch - Técnico em Dança - Centro Carioca de Pesquisa em Dança-educação é um marco na história da dança carioca. Isso ocorre justamente por estabelecer dentro da escola pública uma incubadora de talentos - docentes, gestores, artistas, coreógrafos, intérpretes-criadores, pesquisadores - gerando mão de obra técnica aprimorada e incentivo à formação continuada. Trata-se de um projeto que conseguiu destituir os muros da escola pública, inclusive em âmbito internacional.

Referências: WANDERLEY, Rosane Laudano Campello. Dança Significativa: Arte e Educação de Mãos Dadas. Rio de Janeiro: Editora Appris, 2020."







OPINIÃO

CARNAVAL POPULAR, A FESTA MAIS DEMOCRÁTICA DO MUNDO.

POR
THALES PORTO

A você, caro leitor, que chegou até aqui em busca de se deliciar ainda mais com esta verdadeira amálgama social, mas apenas reconhece o Carnaval Carioca pelos desfiles da Marquês de Sapucaí, apresento-lhe o verdadeiro supprassumo da realidade de misturas, raças, cores, religiões e realidades: o Carnaval da querida Intendente Magalhães.

Eu, como carnavalesco da Mocidade de Vicente de Carvalho, escola da série bronze (séries de base) do Carnaval Carioca, em parceria com Tiago Brian, outro artista desta festa, venho apresentar uma outra realidade carnavalesca, distinta de tudo aquilo que o turista encontra na Apoteose, ainda mais tradicional e enraizada nos corações dos foliões cariocas. O Carnaval da Intendente mantém viva a relação do sambista com a paixão pelo asfalto riscado e o batuque improvisado.

Atualmente, grandes escolas de samba, que já fizeram história nos grandes carnavais como Lins Imperial, Unidos do Cabuçu, Unidos de Lucas, Vizinha Faladeira, Caprichosos de Pilares, Império da Tijuca, Acadêmicos

do Cubango, Acadêmicos de Santa Cruz, Acadêmicos da Rocinha e Renascer de Jacarepaguá, brigam no asfalto pelo sonho de voltar aos tempos áureos de Marquês de Sapucaí. E a principal engrenagem, que faz esses pavilhões pesados girarem, mesmo com pouco recurso, é o próprio folião apaixonado.

Enquanto o inesquecível mestre Joãozinho Trinta marcava história na Sapucaí com sua citação “pobre gosta de luxo, quem gosta de miséria é intelectual”, os profissionais do “Campinho” (bairro onde a Estrada Intendente Magalhães é localizada) já realizavam mágicas transformando lixo em luxo, e fazendo restos trapos brilharem como ouro. Nos tempos atuais, esta realidade não modificou, já que trabalhamos com cerca de 1% do orçamento de uma escola da série Ouro do Rio.

No fim, sabe quem ganha com isso? O próprio folião, que não perde seu brilho para gigantismo e estrelismo. Quem brilha nesta avenida é aquela menina da comunidade, aquela senhora que passa o ano cozinhando feijoada na qua-



Thales Porto é Arquiteto e Urbanista com 8 anos com experiências tanto no setor privado, quanto no público. Mas, foi no Carnaval que seu coração bateu ainda mais forte e se permitiu utilizar tanta formação acadêmica no maior espetáculo da terra. Iniciou sua experiência de projeto carnavalesco no Carnaval Virtual. Teve a honra de ser carnavalesco em escolas Mirins. Atualmente, está no segundo ano assinando um desfile na série Bronze do Carnaval Carioca.

dra, aquele que carregou instrumentos para todo o lado e, finalmente, se vê em seu palco principal.

E este palco é o mais democrático possível, pois aqui homens e mulheres rodam as baianas igualmente, a porta bandeira pode ser mulher, travesti ou trans sem ser julgada por isso. Neste paraíso, as mulheres não precisam ser “perfeitas e estereotipadas” para colocarem seus biquínis e serem ovacionadas por toda arquibancada. Este é um pedaço do paraíso onde todo mundo pode querer e ser quem quiser!



É inexplicável como a energia caótica remete a raiz de uma cultura tão rica e grandiosa. Pessoas vestem roupas pesadas e quentes em pleno Rio 40°, em meio a barracas de cachorro quente e churrasquinho, procuram suas alas (na verdade alguém que esteja vestido igual) e, com um grande sorriso no rosto, prontos para se acabarem em 35 minutos de avenida no verdadeiro Carnaval Carioca. Quando este desfile acaba, o folião retorna à concentração em busca de uma próxima escola para desfilar. Ali, ninguém tem bandeira, apenas paixão e disposição!



Quando tudo isso acaba, as fantasias se veem despedaçadas pelas calçadas, as energias esgotadas e as alegorias rebocadas, tudo o que resta é sentir saudade em um grande saudosismo pela maior festa popular do mundo. Mas, para aquele que vive o Carnaval, esta saudade dura poucos meses, pois esta festa é viva, é pulsante e não pode morrer de forma alguma. Ainda no meio do ano todo ciclo reinicia, os corações voltam a acelerar e a batucada volta a ecoar, pois, para o carioca, todo dia é Carnaval, e fevereiro é logo ali!



e

Estima

**Notícias positivas
para homens felizes**

www.estimanoticias.com.br

REPORTAGEM

DRUIDISMO: O RENASCIMENTO DA FÉ E DA FILOSOFIA DOS ANTIGOS CELTAS

POR SACERDOTE DRUIDA DRAGAN MACBEL



Possivelmente, você já ouviu falar sobre os Celtas, um conjunto de povos guerreiros que surgiu em 3750 A.E.C. e que habitou do norte da Europa até a Turquia. Eles foram erroneamente chamados de bárbaros pelos greco-romanos que invadiram e tomaram seus territórios.

Os Celtas

Os Celtas eram excelentes no trabalho da metalurgia. Suas armas e suas joias eram verdadeiras obras de arte, pois tudo o que produziam não somente cumpria uma função no nosso mundo físico, como também serviam de oferenda à Divindade.

Além da sacralização da vida cotidiana com o plano divino, outro aspecto que diferenciava os Celtas dos outros povos do mesmo período era o respeito que tinham pela mulher e pela natureza, que era vista como uma extensão do corpo feminino. Neste povo, a mulher poderia ser rainha, guerreira, comandante, sacerdotisa, ocupando o espaço que ela quisesse, diferente do que acontecia em Roma ou na Grécia no mesmo período.

Outra diferença, muito criticada pelos gregos e pelos romanos, era a naturalidade e a fluidez da sexualidade celta, já que as relações homoafetivas eram vistas com espontaneidade tanto entre homens quanto entre mulheres. Inclusive, havia casamentos poligâmicos protegidos pelas leis celtas. Podemos ver esses vestígios nas Leis Bréhon da Irlanda primitiva, nas quais foi

escrito um conhecimento, até então oral, da idade dos metais. Bréhon é um termo gaélico que designava um juiz, cargo que, naturalmente, era ocupado por um sacerdote druida.

Os Druidas

Você já deve ter visto algo sobre os druidas em jogos de RPG, no desenho do Asterix ou até mesmo na roupa do mago Gandalf de O Senhor dos Anéis. Todavia, os druidas não se resumem somente à ficção. Esses magos e líderes políticos poderosos eram temidos durante a conquista romana, pois uniam os povos celtas em luta armada, liderando-os na frente da batalha, e incitando rebeliões para defesa de seu território.

A etimologia da palavra Druida reside no irlandês antigo "Druí", no gaélico "Draoi" e no galês "Derwydd", e significa "Sabedoria do Carvalho", uma vez que "Deru" é "carvalho" em gaulês e "Wyd", é conhecimento. Os Druidas eram os sacerdotes que detinham o



Guerreiro Celta Escocês
– Produção: Douglas Guedes.



Dragan MacBel fundador da ODDA, Ordem Druidica Dragain Dé Afallach. Graduado em Propaganda e Marketing, em Design Gráfico e Pós-graduado em Animação para ambientes Digitais. Presta atendimento como oraculista (tarô, runas, ogam, coelbren, etc.), astrólogo, numerólogo e terapeuta. Dragan MacBel é membro da Rosa Cruz Amorc desde 2007, na Golden Dawn (2010) e inno culto de Ifá (2016). Músico, cinegrafista na Cufa e fotógrafo, roteirista, escritor e artista plástico.

conhecimento ancestral sobrevivente de povos antigos, e que guiavam os celtas, elevando sua moral e sua espiritualidade.

Infelizmente, graças a Roma, como império e como igreja, a religião praticada pelos antigos Celtas ficou reduzida a um conhecimento restrito familiar e a traços no folclore popular europeu até por volta dos anos 1700, quando algumas ordens druídicas saíram das sombras e, por meio de um movimento reconstrucionista, deram nome a sua religião, o Druidismo.

O Druidismo

O Druidismo é o culto tribal que vê a divindade em todas as formas da criação, pois entende que a consciência divina dessa matriz geradora impregna e informa toda a existência.

Ele é também o caminho das árvores, e suas raízes estão fincadas profundamente na terra verde: ele é o canto dos pássaros, a respiração, a vida e a união com a natureza.



Ana e Dragan MacBel no rito de Solstício de Inverno albanarthan – Foto: Dragan MacBel

Devido a isso, grande parte do conhecimento é ministrado, de forma oral, em bosques, florestas, praias, cachoeiras e locais onde se possa estabelecer um contato com a natureza.

Dentre as competências ensinadas estão: as práticas oraculares, como ogam, runas, tarô e etc; a astrologia; a numerologia; a botânica oculta, incluindo poções e unguentos; a anatomia oculta; a metalurgia e o conhecimento sobre pedras, metais e confecção de talismãs; a magia cerimonial; a magia natural; música; artes; entre outros.

Esse conhecimento ancestral não é passado somente por meio de aulas, mas por meio de iniciações e de cerimônias mágicas, nas quais o aluno se compromete a estudar, a conhecer a si e a desenvolver suas potencia-

lidades.

Na ODDA — Ordem Druídica Dragain Dé Afallach — o aluno começa a sua jornada como um peregrino e vai trilhando, através das iniciações, até chegar aos sacerdócios maiores de Bardo, de Ovate e finalmente de Druida, um estudo que leva 1 ciclo Saros — aproximadamente de 18 a 20 anos — para ser completado.

Nossa filosofia

Em cada ser, habita uma centelha da força universal, com natureza única e indivisível. Quando essa fagulha desperta, através do coração, tudo que está receptivo ressoa vibrando, em uníssono, com aquela fonte primordial, a canção da vida.

Então, o Druidismo tem como princípio básico a sacralidade da Natureza. Nós a consideramos viva, consciente e divina. Aprendemos que as copas das árvores funcionam como antenas, que captam energia do plano celeste, trazendo bênçãos e inspirações divinas para o plano terrestre, através do caule, que fecunda a Terra com o poder da criação mediante as suas raízes. As copas das árvores também nos energizam com o dom da vida através de sua respiração e de sua fotosíntese.

Nós, praticantes de Druidismo, não retiramos sequer uma folha de uma árvore sem propósito e sem respeito, pois cremos que tudo o que temos é um empréstimo da fonte divina.

Cremos que, verdadeiramente, nada possuímos além do corpo anímico. Nem mesmo o corpo físico nos pertence: ele é concedido aos humanos, enquanto dádiva, como veículo para a evolução durante a jornada da vida, enquanto vestidos com a crisálida carnal.

Como vemos o divino em todos os locais, nossa filosofia se opõe ao conceito de separatividade, que divide, classifica e segmenta as coisas, porque quando acreditamos

que algo não faz parte do todo, podemos ter uma visão ilusória de que o outro não é parte de nós e aí nasce toda desunião e toda desigualdade.

Nossa fé

Existe a fé na divindade, um grande ser primordial incognoscível; uma divindade maior que contém tudo em si. Essa fonte divina se expressa através da natureza por intermédio de matrizes, variegando a aurora e o crepúsculo em um ensaio da realidade, na qual a perfeição é revelada por meio de atos iniciáticos vividos nesta sagrada novela circadiana. Por isso, um druida deve se dedicar ao estudo da natureza, para saber ler e compreender os seus desígnios.



Druidas cultuando o pinheiro – Produção: Dragan MacBel

cremos que tudo emana e retorna a uma matriz — uma fonte consciente e generativa — em um ciclo evolutivo contínuo de morte e renascimento, através do qual todos os seres alcançam eventual iluminação espiritual.

Temos uma concepção peculiar de bem e mal, e acreditamos que a responsabilidade pelo próprio destino recai

totalmente sobre as escolhas individuais, sem que se culpe um ser mítico opositor pelas danças. Acreditamos em reencarnação, mas com um conceito peculiar sobre carma não fundamentado na culpa, no medo ou no pecado.

O Druidismo, como fé, se define como Animista e Panenteísta:

- O Animismo é a crença de que tudo o que existe tem uma natureza anímica (ou seja, alma), e, por isso, é aplicado o respeito a todas as formas de vida, como as dos reinos: mineral, vegetal e animal.
- O Panenteísmo é a crença de que o universo está contido na Divindade, e este ser divino é maior do que o universo.

Em uma primeira observação, você diria que somos politeístas, porque cremos em diversos deuses como manifestações de aspectos da natureza. Entretanto, cremos que esses aspectos emanam de uma única fonte geradora de todas as coisas.

Também cremos que vivemos em um mundo material que compartilha um espaço di-

mensional com o outro mundo, o mundo espiritual, onde habitam os sidh, ou seja, o povo das fadas.

Nossos princípios

O Druidismo é matrifocal, conceito que qualifica um grupo centrado na Grande Mãe, no qual o Pai frequentemente detém um papel complementar. É uma crença matrilinear cuja ascendência é contada em linha materna. Mas, apesar da visão matrifocal, forma de sociedade na qual o papel de liderança e poder é exercido especialmente pelas mães de uma comunidade; não é retirado o poder do homem, pois não comportamos guerras ou divisões de gêneros. Um sexo não é considerado superior ao outro, e ambos cumprem papéis distintos conforme a sua natureza.

Defendemos primordialmente o princípio da verdade, pois cremos que ela seja o pilar que sustenta todas as coisas existentes. Temos ojeriza pela mentira, pelo medo e pela dúvida, que são potências destruidoras e corrosivas dos princípios da honra.

Exercemos também o princípio da caridade, da gratidão, da humildade, da hospitalidade, do respeito e do amor pela natureza, pois, sem ela seria impossível a prática do Druidismo.

A natureza é nosso lar; pode ser compreendida como um ser vivo e sagrado, que deve ser tratado como a extensão do nosso próprio corpo. É nela que buscamos força e poder para nos inflamarmos de Vontade.

Sendo assim, é nosso dever lutar por sua preservação, já que ela é nosso templo.

Nós, praticantes de druidismo, preocupamo-nos constantemente com os problemas ambientais; estamos atentos ao tratamento dispensado à fauna e à flora, e até mesmo ao risco de extinção que paira sobre certas espécies.

Também nos preocupamos com as diferenças sociais e combatemos movimentos radicais preconceituosos, racistas, misóginos, xenofóbicos, elitistas, transfóbicos e homofóbicos, pois acreditamos no direito de ser e na igualdade dos seres.

Nossas práticas

Nossas práticas cerimoniais são pautadas em um calendário lunissolar, que vivifica a filosofia druídica. Os cultos solares e lunares criam uma harmonia com as forças da natureza, e trazem o entendimento sobre os desígnios e milagres da divindade.

Assim, o Druidismo irradia um feixe de luz sagrada na busca pela profunda transmutação anímica através dessas celebrações sagradas que, combinadas a um trabalho alquímico, estabelecem um convênio com o cosmos e com as forças da natureza.

O crescimento e a renovação espiritual são alcançados mediante a contemplação sobre a vida em harmonia com a natureza; o foco no momento presente durante a experiência da vida; a harmonização com os ciclos sazonais e os ciclos de Avalon; a realidade primordial que permeia e une as realidades do despertar e adormecer; os contatos com a realidade feérica do universo.

Druidismo no seu cotidiano

A princípio, esse tema pode lhe parecer alienígena, mas se eu te disser que até hoje em dia você pratica rituais druídicos em datas comemorativas sem nem mesmo ter consciência disso?

Durante o solstício de inverno, nós decoramos um pinheiro — que simboliza a elevação — com fitas, trocamos presentes, fazemos uma ceia e oramos à estrela polar que guia

os druidas para o nascimento do Deus, filho da grande deusa Ursa Artio. Isso não te lembra o Natal?

No solstício de Verão, temos um mastro, pulamos a fogueira, dançamos e cantamos. Isso não te lembra a festa de São João?

Durante o equinócio de primavera, nós celebramos as flores, pintamos ovos e temos o coelho como símbolo da fertilidade. Isso não te lembra a Páscoa?

Temos ainda o festival da maternidade e da lactação, chamado I Molg, que vai lembrar o dia das mães; a festividade de Lughnasadh, que vai lembrar o dia de São Pedro das correntes e a bênção do pão do Lamas; o festival de Samhain, no qual usamos máscaras e fantasias, que é a origem do Halloween; o equinócio de outono, quando celebramos as crianças e o



amor, que lembra o Dia das Crianças; entre outros, como a tradição do bolo de aniversário.

Como a igreja não conseguiu exterminar de vez essas tradições célticas, ela as incorporou e modificou o seu significado para que essas datas se tornassem feriados cristãos.

Até mesmo a história do rei Arthur e do Cálice Sagrado tem suas origens na cultura celta, assim como os contos de fadas que ouvimos desde a nossa infância. Afinal, faz parte do folclore celta acreditar em magia, no povo das fadas, nos gnomos, nos duendes, nas ondinas e em outros elementais da natureza.

O conceito popular das bruxas, hoje retratadas como mulheres feias que voam em vassouras e devoram crianças, foi resultado de uma demonização das sacerdotisas celtas e até mesmo de divindades maternas antigas, tal como a Cuca, que hoje em dia faz parte do nosso folclore popular brasileiro, mas tem raiz celtíbera.

Além disso, existem palavras celtas que você fala hoje em dia no seu cotidiano. A palavra "carro", por exemplo, é uma palavra celta gaulesa utilizada para nomear a carruagem.

Nossa Missão

Mesmo sob as brumas do tempo e da tradição judaico-cristã, o tópico anterior mostra a capacidade indelével de existência e de resistência que a tradição Druídica possui. Ora, assim não seria se não houvesse imaculada verossímil verdade em sua essência.

Obviamente, a subsistência, através do folclore e da apropriação cultural e religiosa, "acidentalmente",

pode ocorrer graças às potências sagradas ligadas à grande mente druida, ou seja, os grandes guardiões celtas ligados à preservação e à ressurreição de nossa cultura e de nossa crença, que mais do que nunca é necessária para salvar a vida através da conscientização sobre a importância da natureza.

O império romano matou os corpos dos druidas do passado; a igreja romana furtou nossos princípios, mas nossa alma ainda sobrevive



Estátua do deus Cernunnos
– Produção: Dragan MacBel.

no folclore popular, nas tradições campestres e no seio da própria natureza. Mesmo após erradicarem nossa existência, não conseguiram apagar os vestígios do espírito de nossa verdade!

Apesar de celta, os desígnios da druidecht são legados à universalidade dos povos, pois são uma expressão de todas as forças psíquicas, intelectuais e físicas exercidas sobre esta parte do mundo natural que o viu nascer e, mais especificamente, sobre o gênio Celta moldado por estas influências.

A própria essência desta doutrina foi transmitida até hoje pelas "Triades Sagradas", pela ciência e pela cosmogonia, e pelo magnífico pentagrama chamado de "Cruz Celta ou Cruz Druídica", cujas cotas matemáticas estão escritas nos traçados reguladores e na imagética esotérica das catedrais. Que cuidados para nos transmiti-la! Isso supõe de nossa parte tantos cuidados para transmiti-la a outros e fazê-la florescer.



Druidas em Rito de colheita do Visco – Arte: Genialy.

Nossa missão é lutar para que essa se- mente não só se torne um grande pé de car- valho, mas que dê origem a um bosque de luz. No entanto, não exercemos a prática do proselitismo, condenada por nós. Até porque não temos o druidismo como o único cami- nho e revelação para o contato com o divino, mas este é o caminho com o qual nos conec- tamos.



Manifestação do Deus do Fogo no ritual de Alban Elfed – Foto: Dragan MacBel.

Creemos que a simbologia da natureza, da arte e da música eleva o potencial humano até a poesia profética, e assim, os valores de humanidade, fraternidade, caridade, equani- midade e amor são mais facilmente compre- endidos, pois são sentidos na alma.

Mesmo sendo uma crença europeia remanescente (ou reconstruída) da idade dos metais, o Druidismo se baseia no conceito de "espiritualidade nativa", ou seja, do mesmo modo que se deve ter amor pela Terra onde



Jack o lanterna ritual d´Samhain
Foto: Dragan MacBel.

se nasceu e onde se vive, deve-se ter respei- to e reverência pelos espíritos e pela tradição desta Terra. Devido a isso, é muito comum que os druidas tenham um conhecimento teológico e uma certa vivência espiritual em determinadas crenças locais.

Para nós, a conexão com os antepas- ados é algo de vital importância, não so- mente com aqueles que foram membros de nossa família, como com os de nossa Terra ou nossa crença.

Acreditamos, ainda, que podemos aprender com os erros do passado para evi- tarmos sua repetição no futuro. Sendo assim, do mesmo modo que o imperialismo romano dizimou os povos célticos no passado, visan- do à obtenção de lucro acima de tudo, obser- vamos, de perto, as ideologias fundamenta- das na exploração irremediável dos recursos naturais e nos colocamos como opositores a elas.



Ritual da ODDA de Alban Helfin
Foto: Dragan MacBel.

Somos politicamente ativos contra qualquer exploração ambiental e lutamos pela equanimidade dos povos, para que to- dos possam ter um senso de igualdade.

Contato:

Se você sentiu uma conexão com o que leu e uma centelha de curiosidade acendeu dentro de ti, entre em contato conosco.

contato.odda@gmail.com



W. SEIGNEUR

JOIAS COM HISTÓRIA

Há 9 anos, a W.SEIGNEUR transforma histórias em joias exclusivas, criando peças masculinas personalizadas em prata e ouro 18k, com pedras preciosas selecionadas.

Arte, sofisticação e identidade em cada detalhe.

CONHEÇA NOSSO SHOWROOM EM IPANEMA: Rua Visconde de Pirajá, 86.

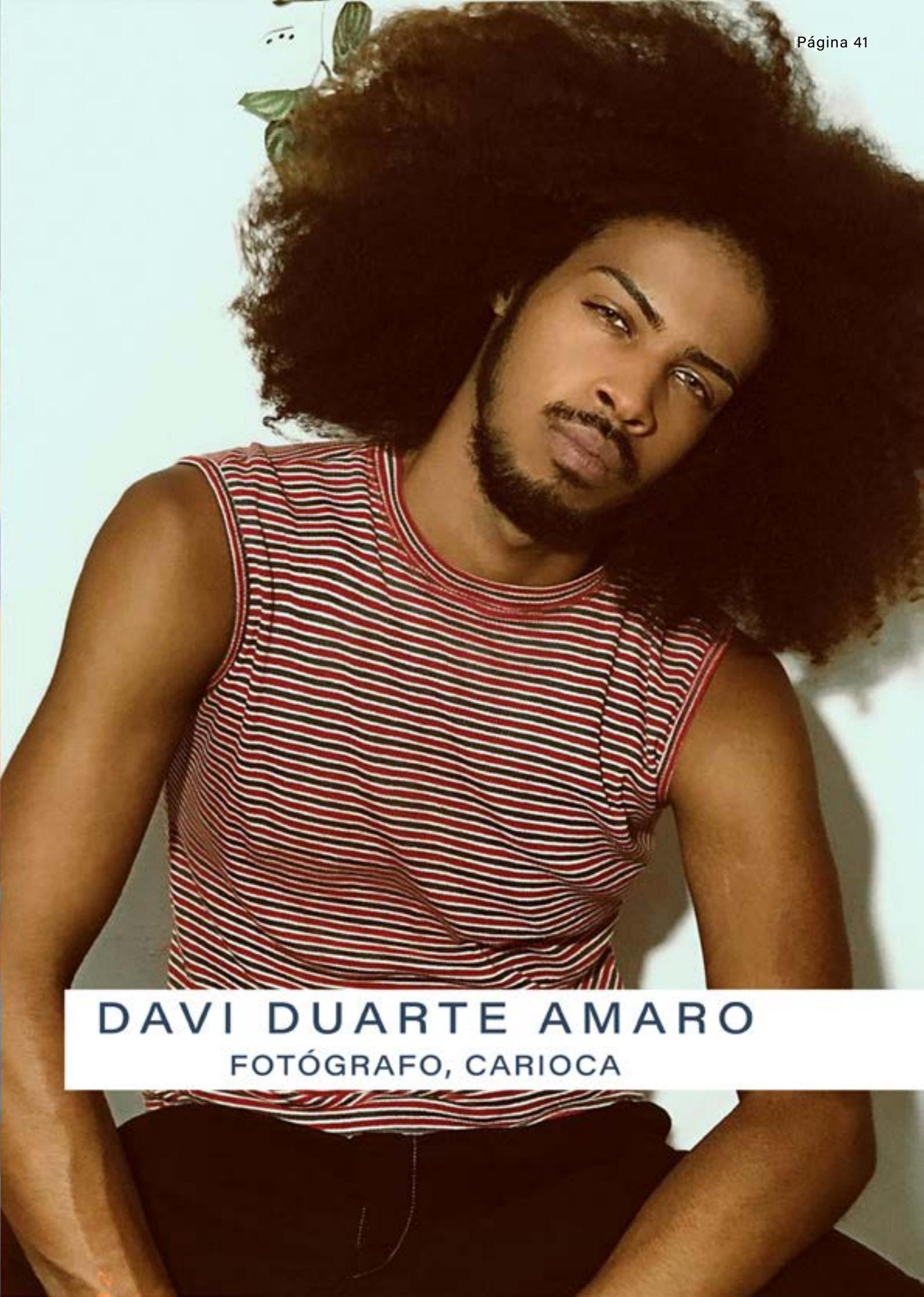
A C E S S E : W S E I G N E U R . C O M



SEVENMen
@sevenmenbr





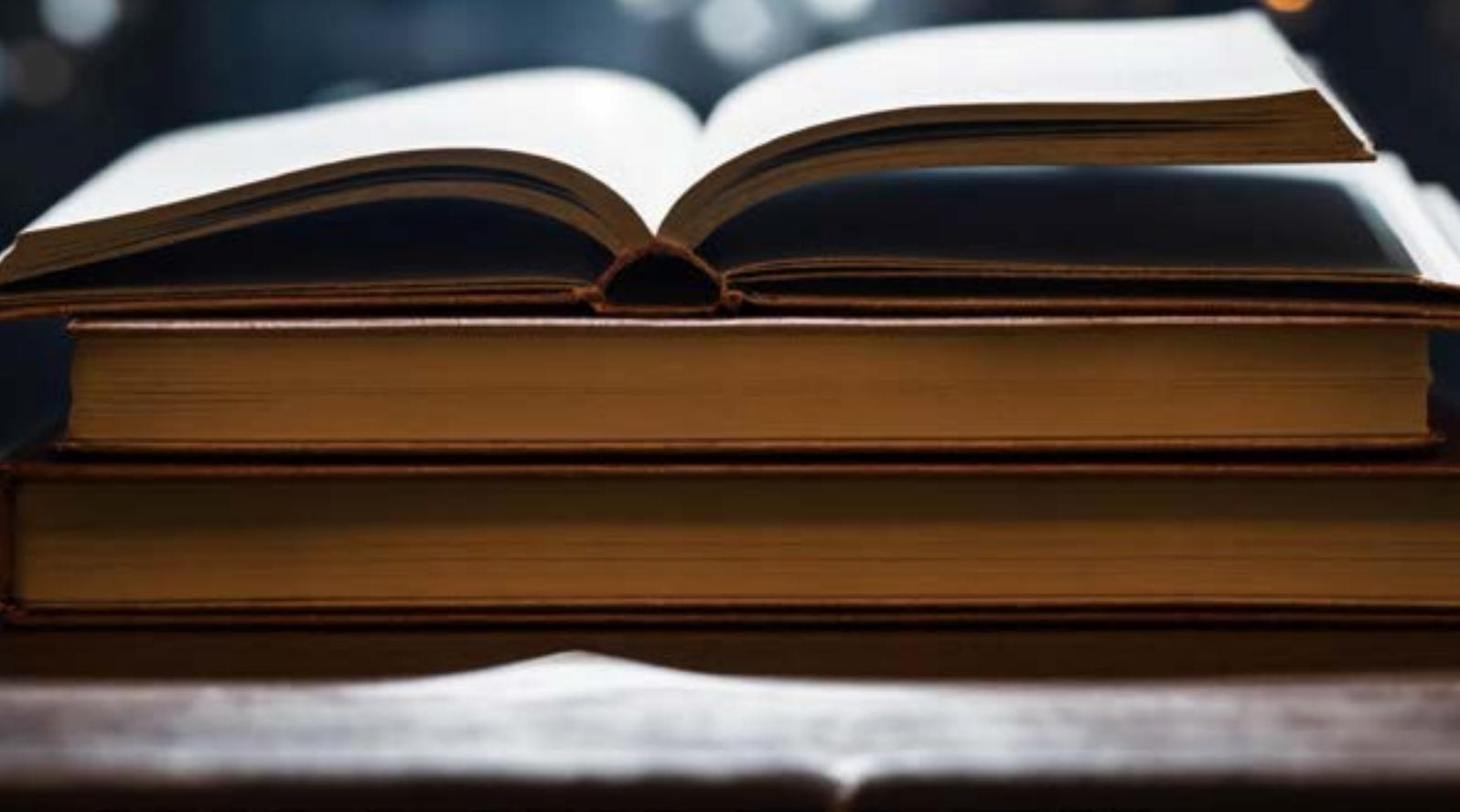
A portrait of Davi Duarte Amaro, a man with a large, voluminous afro hairstyle and a beard. He is wearing a red and white horizontally striped tank top. He is looking slightly to the right of the camera with a neutral expression. The background is a plain, light-colored wall. In the top left corner, there is a small graphic of a plant with green leaves and a white flower.

DAVI DUARTE AMARO
FOTÓGRAFO, CARIOCA

CRÔNICA

POR SORTE OU POR AZAR

POR LEANDRO BOLIVAR



Na Antiguidade Clássica, quando reinavam os deuses gregos, os oráculos tinham o poder de prever o futuro. Você já imaginou como seria esmagador se soubéssemos previamente o que iria acontecer conosco? Talvez perderíamos o prazer de viver. Talvez deixaríamos de comemorar até mesmo os bons momentos por desânimo. Talvez arriscaríamos menos, menos, muito menos. Talvez a rotina fosse mais cinzenta. Saber existir e sobreviver diante de todos os desafios seria muito doloroso. Para quem gosta de aproveitar a vida, cada minuto é repleto de valor. Depois de ter vivido seis meses na bela Madrid, na Espanha, mergulhado numa cultura bem diferente da minha, percebi como é prazeroso deixar-se levar pelo desconhecido.

Neste momento, parece-me pertinente mesmo falar sobre as experiências profissionais que tive ao longo de minha estada na cidade; afinal estive ali para pesquisar sobre a formação de professores e professoras de espanhol na Universidad Complutense de Madrid graças a uma bolsa que recebi da Capes (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) para realizar o famoso Doutorado Sanduíche.

Eu também acho que deveria contar a você sobre ter realizado o sonho de ser lido internacionalmen-

te através de minha poesia durante o lançamento do meu novo livro "Entre do(i)s mundos". Porém, eu deixaria de falar do valor de um menino que me fez reconectar com meu novo eu depois de ficar longe do meu marido brasileiro, dos meus amigos e do meu Rio de Janeiro, mais conhecido como Cidade Maravilhosa.

Para mim, vivendo numa relação aberta em torno de 7 anos, a vida se tornou um grito de liberdade de escolher com que e com quem quero aproveitar o tempo que me resta, o tempo que nos resta. Vejo isso como um verdadeiro bem cultural imaterial. Durante muitos anos, no Brasil, tive a oportunidade de ajudar muitas pessoas, levando-lhes principalmente a alegria de viver e apresentando-lhes uma visão positiva diante dos obstáculos que tentam nos limitar. Certamente esse pensamento lhe faz lembrar as pessoas boas que cruzaram seu caminho.

Acho que falar do meu presente divino, do meu encontro com um jovem espanhol, é contar-lhes o impacto de um encontro cujo destino, por sorte ou por azar, nos proporcionou momentos incríveis. Hoje, voltando a existir no meu Rio, fui eu quem recebeu uma grande ajuda emocional de uma pessoa incrivelmente teimosa.

Sabe quando o universo nos leva na direção



Leandro Bolivar é professor, escritor, poeta e doutorando em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com estágio de pesquisa na Universidade Complutense de Madrid. Além de ter escrito e organizado livros acadêmicos como "Tecnologia e ensino adaptativo de espanhol para o ENEM", "Diálogos linguísticos e literários com Santos: o legado de Ana Cristina - Volumes I, II e III", "Espanhol no ensino superior: práticas pedagógicas reflexões docentes", é autor do livro de poemas "Fragmentos poéticos em desalinho: devaneios em terras brasileiras e espanholas" (2024) e "Entre do(i)s mundos" (2024).

do amor? Muitas vezes nos olhamos em silêncio. Geralmente, há muitos significados por trás do silêncio. Na verdade, nossos olhos têm o poder de dizer "eu te amo". É claro que só o silêncio pode pronunciar o poder dessa frase quando ainda há muito para descobrir. Óbvio. Eu sei... você também sabe.

O amor é algo que se constrói. Ele não surge do nada. É um sentimento escolhido e acolhido diariamente. É quando temos a capacidade de aceitar os defeitos de um casal, de um par que convive. E não estou falando apenas de relacionamentos cujo sexo esteja presente. Por conseguinte, me pergunto: “Quem vai te amar para sempre?” Nós sabemos a resposta. Pode-

teve uma importância preciosa na vida de um doce brasileiro: um homem cheio de sonhos cuja vontade de viver vai além do tradicional. Por sorte, o destino está a nosso favor.

Portanto, não perca o agora. Por sorte, não há infortúnio quando você escolhe viver com confiança, quando você escolhe compartilhar o que há de melhor



Estágio Doutorado Sanduíche na Universidade Complutense de Madri (2024)

mos dizer isso em voz alta com um estalar de dedos. Mas mais uma vez é o silêncio dos olhos que o tem. Há muita beleza em tudo isso, e a resposta virá certamente com o passar do tempo, ainda que nossos corpos beijem outras bocas e desenhemos rostos tristes enquanto bailam as noites de festa entre as cidades do Rio e Madrid.

Por sorte, sem nenhum traço de infortúnio, meu jovem espanhol de Alcorcón, que pediu para ser meu marido espanhol durante meu último mês de viagem,



Autógrafo durante Lançamento do livro “Entre do(i)s mundos”

na vida: a amizade e o amor construído entre duas pessoas que se amam, apesar dos desafios desconhecidos para nós, pequenos seres humanos. Aqui os oráculos são os nossos próprios olhos, por sorte, com certeza, não por azar.



Lançamento do livro “Entre do(i)s mundos” na Casa do Brasil (Madri, Nov. 2024)

**A GENTE
VAI DEIXAR SEU CORPO
AINDA MAIS GOSTOSO...**



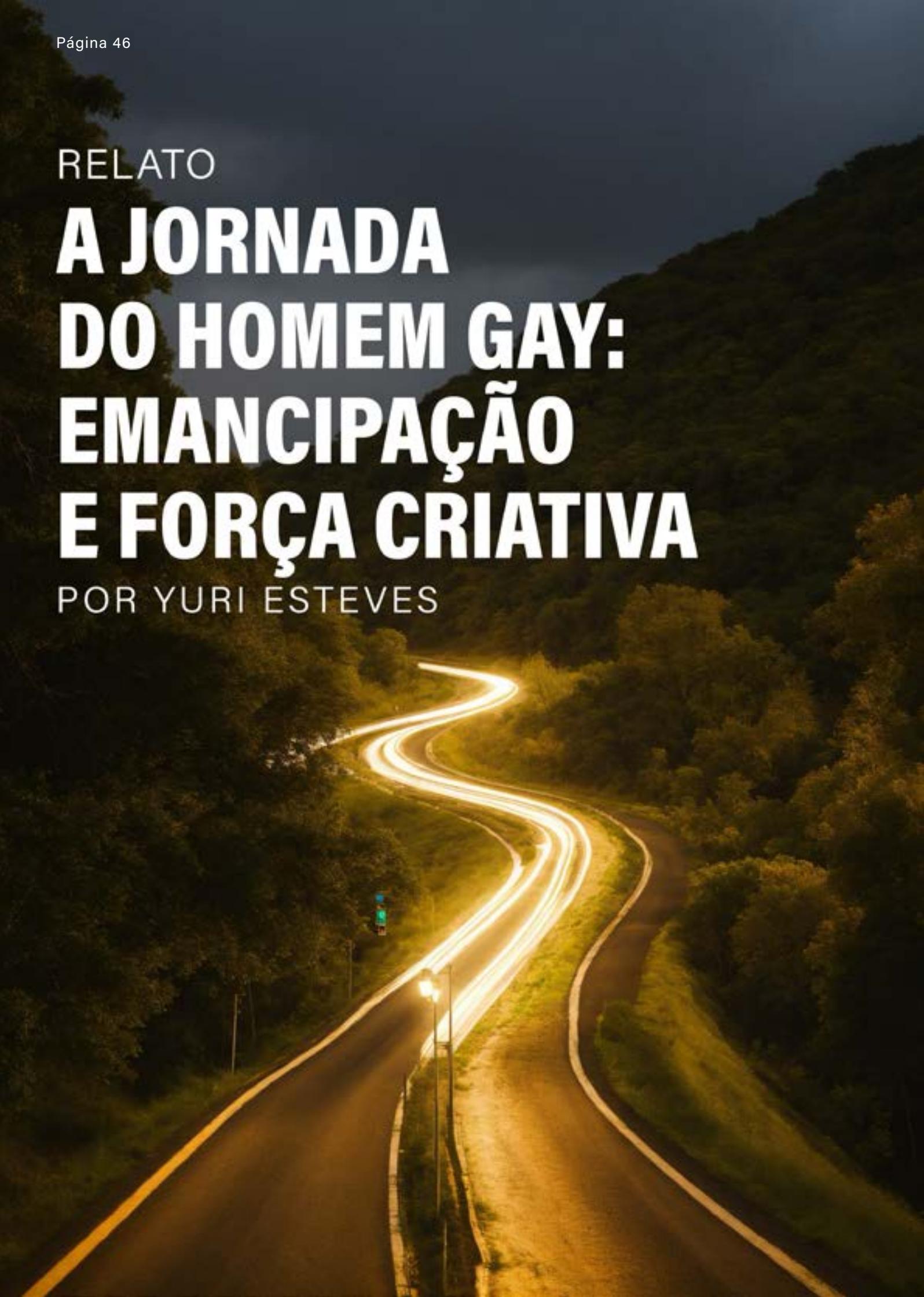
SEVEN Men

SEVENMEN.COM.BR

RELATO

A JORNADA DO HOMEM GAY: EMANCIPAÇÃO E FORÇA CRIATIVA

POR YURI ESTEVES



A minha história se confunde com a de milhões de outros homens gays. É por meio dela que busco interpretar nossas trajetórias — das batalhas às valorosas vitórias. Cresci na periferia de Praia Grande, cidade do litoral paulista, cercado por todas as formas de desigualdade e, conseqüentemente, pelas violências que esses territórios impõem às identidades divergentes. Aos 17 anos, após obter a nota máxima (mil) na prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), fui aprovado para ingressar na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



Yuri Esteves

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Revisitar minha jornada é encontrar lições preciosas para cada um de nós que ousa ser diferente, ousa lutar e ousa vencer, independentemente das adversidades. Hoje, percebo como cada menino gay é, desde cedo, uma potência criativa. É por isso que, por meio de agressões, sejam elas duras ou sutis, muitas pessoas ao nosso redor buscam nos moldar, nos aprisionar e tirar o quanto puderem de cada gota dessa nossa energia.

Seja no grupo de jovens da igreja, na família numerosa e turbulenta, no grêmio estudantil ou em tantos outros lugares, o menino gay é “a Força”. Ele cria, articula, canta, dança, discursa, disputa, cuida, arrecada, financia... Nossos algozes, muitas vezes disfarçados de amorosas companhias, nos querem ali para sempre. Se um dia resolvermos viver o que realmente somos, amar, ser amados, sair da “concha” e brilhar, quem vai dar vida ao grupo de jovens? Quem será o eterno cuidador do idoso da família? Quem vai trabalhar, fazer artesanatos e todo tipo de “bicos” para complementar a renda da casa?

É verdade que somos muitas vezes odiados por sermos diferentes, mas, mesmo assim, quem nos ataca percebe que o menino (e o homem) gay é alguém acima da média. O jovem gay, desde sempre,



Yuri Esteves é roteirista, redator e profissional de criação, com experiências em reality shows e formatos para Warner Bros, Discovery, SBT e Record. Homem gay, criado na periferia de Praia Grande-SP, estudou durante toda a vida em escola pública. Aos 17 anos, ingressou na UFRJ, onde se formou em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda.

sabe que é alguém potente cercado de medíocres. Eles tentam nos curar, mas, principalmente, nos prender, para que nossa energia criativa seja uma força de trabalho eterna, até que envelheçamos e, então, sejamos jogados de lado, vivendo uma das facetas desse dolorido fenômeno chamado “solidão do homem gay”.

Mas a gente é danado. Em algum momento, nos emancipamos. A diáspora é uma realidade para muitos de nós. Histórias de homens gays extremamente criativos, como Milton Cunha e Joãozinho Trinta, por exemplo,

também fazem parte dessa diáspora. Eles levaram consigo o que viram de belo e plural em um Brasil profundo, mas deixaram para trás a ignorância dos algozes. Todos nós percorremos esse caminho. No fim, a família, a igreja, todos eles vão se virar. Chega a hora da universidade, das artes, de brilhar no mercado de trabalho, nas grandes cidades, de fazer essa criatividade — essa Força — trabalhar para nosso prazer, e não para o dos outros.



Yuri Esteves

Fonte: Acervo pessoal do autor.



Yuri Esteves

Fonte: Acervo pessoal do autor.

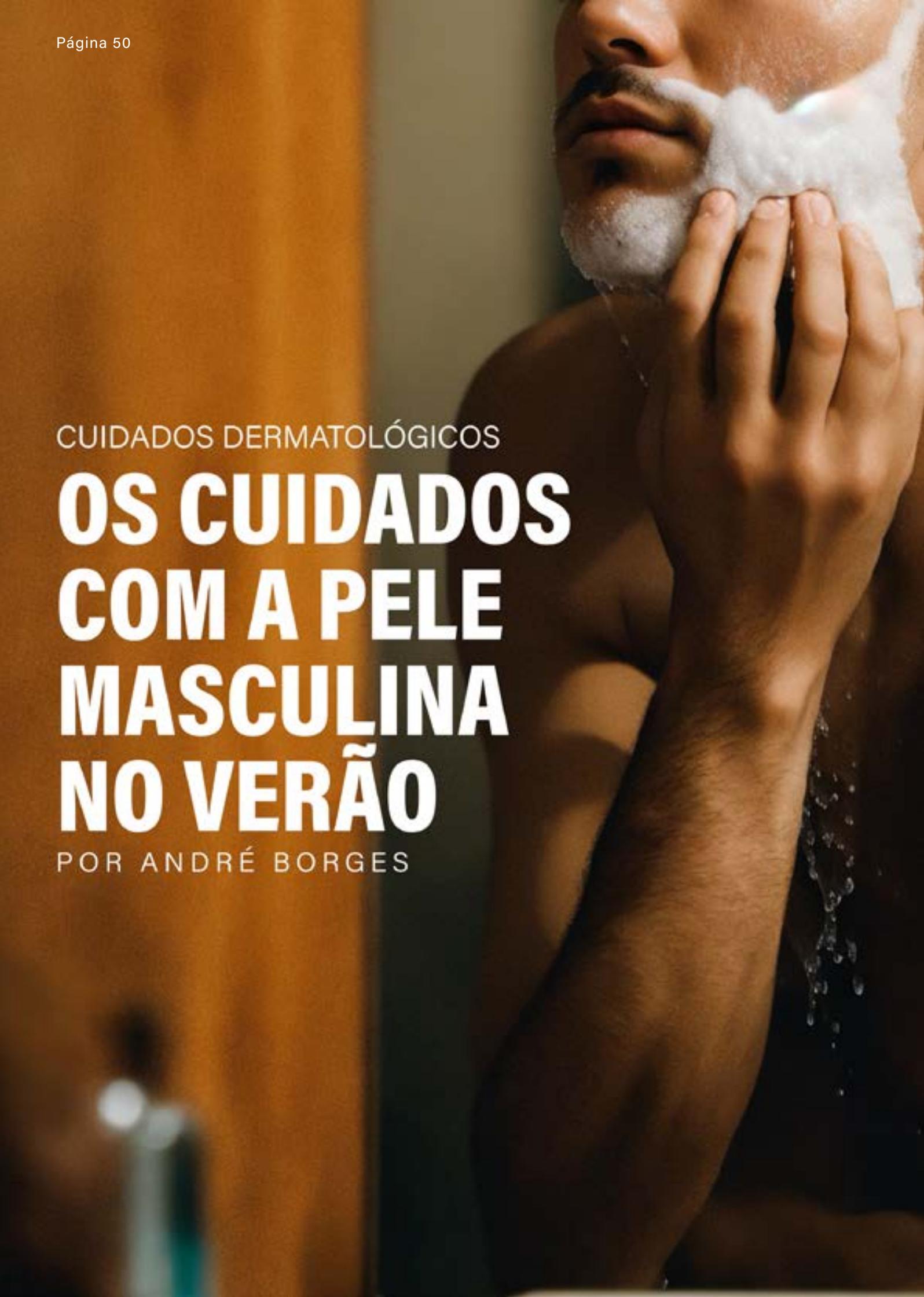
Hoje, eu e muitos dos meus companheiros de jornada (muitos deles homens gays, ainda bem) estamos na metade desse percurso. Já rompemos com o falso afeto que nos escravizava, aprendemos que, sem independência financeira, não há liberdade sexual ou qualquer outra liberdade, e buscamos colocar essa Força criativa em cada campo da nossa vida. Vamos aprendendo a usufruir do fruto de nosso trabalho, investindo em experiências e confortos que antes não acessávamos. Estamos entendendo os limites entre o prazer que liberta e os vícios que escravizam. Há dores, decepções, altos e baixos. Mas sabemos que, hoje, vivemos para nós mesmos. A potência, o brilho que carregamos, serve para iluminar nossa própria estrada.



CUIDADOS DERMATOLÓGICOS

OS CUIDADOS COM A PELE MASCULINA NO VERÃO

POR ANDRÉ BORGES



Nos últimos anos, vemos uma mudança rápida e constante no comportamento masculino em relação ao autocuidado. Se antes nós, homens, só nos preocupávamos em ir para a academia, agora também aderimos aos cuidados com a pele, o cabelo e a barba. Ou seja, os tabus em relação aos cuidados estéticos masculinos estão desmoronando, e a rotina de skincare já faz parte do dia a dia para nós. Isso sem falar dos procedimentos estéticos, já que nos consultórios dermatológicos é cada vez mais frequente a presença do público masculino.

Porém, com a enor-



André Borges

Fonte: Acervo pessoal do autor.

me quantidade de opções de cosméticos, de marcas e de ofertas no mercado, às vezes fica muito confuso decidir por qual caminho seguir. Afinal de contas, tem sempre alguém que indica algum produto, algum amigo que usou um cosmético e gostou, algum conhecido que indicou um protetor solar, alguma farmácia que oferece desconto em algum kit de cosméticos...mas é importante saber que a pele masculina tem suas peculiaridades e um cosmético, que agrada um, não necessariamente dará certo para outros.

No verão, alguns parâmetros são muito importantes para a gente decidir quais cuidados ter. Nessa época do ano, a pele do rosto do homem, que geralmente é mais oleosa, se torna mais oleosa ainda, ou fica com poros mais abertos. Atividades ao ar livre sem proteção também podem contribuir para piora ou surgimento de manchas, envelhecimento precoce, perda de colágeno, afinal, o verão é a estação em que a gente se expõe mais, não é mesmo? Férias, praia, piscina, esportes ao ar livre...

Pensando nisso, é importante ter alguns cuidados. O primeiro deles é com a hidratação. Temos que lembrar que a hidratação não é só externa, não é só usar um hidratante facial. A hidratação também é de "dentro para fora"; por



Dr. André Borges, CRM 103948-SP, RQE 47892, é um renomado médico dermatologista formado pela UNIFESP, uma das instituições mais conceituadas do país. Com uma sólida trajetória na área, é membro ativo da Sociedade Brasileira de Dermatologia e da Sociedade Brasileira do Cabelo, o que reforça seu compromisso com a atualização constante e a excelência profissional. Especialista em dermatologia estética e tricologia, dedica-se ao diagnóstico e tratamento de doenças da pele, cabelos e unhas, além de oferecer procedimentos estéticos avançados para a saúde e beleza da pele. Seu trabalho é pautado na ciência, na inovação e no cuidado individualizado com cada paciente.

isso, é importante ingerir bastante líquido, basicamente água (já que o excesso de açúcares na bebida é prejudicial). Afinal, no calor, a perda hídrica é muito maior. Alimentação mais leve e com menos açúcares e gorduras também são importantes.

Em relação aos produtos e cosméticos, é preciso ter alguns cuidados na escolha. Procure algum sabonete ou produto de limpeza que equilibre a oleosidade, como os géis de limpeza com ácido salicílico, ou algum regulador de oleosidade, por exemplo. Lave a face pelo menos duas vezes ao dia (manhã e noite).

Após lavar a face, é muito importante hidratá-la, mesmo se você tiver pele oleosa. A diferença é que usamos hidratantes que não vão deixá-la mais oleosa ainda, mas vão ajudar a reter umidade na pele. Para isso, podemos usar sérums à base de



André Borges

Fonte: Acervo pessoal do autor.

ácido hialurônico, por exemplo.

Gosto muito também da Vitamina C tópica no verão. A Vitamina C é um ótimo antioxidante, ajuda a combater os danos dos radicais livres liberados pela exposição à radiação UV. Prefiro que se use após hidratar, pois a pele hidratada consegue “aproveitar melhor” os ativos em geral. Caso sua pele seja oleosa, use uma Vitamina C tópica apropriada para pele oleosa, há algumas boas no mercado.

Agora, uma etapa muito importante, talvez a mais importante: protetor solar! Eu, particularmente, prefiro prescrever os que têm FPS 50 ou mais. Prefira os que têm proteção anti UVA e UVB. Use-o cedo, logo após lavar, hidratar e passar a Vitamina C.

Há no mercado marcas mais fluidas e fáceis de espalhar, que não deixam aquele aspecto branco ou oleoso após a passada. Além disso, há marcas que não escorrem para os olhos com o suor e que são resistentes à água. Use-o no mínimo duas vezes ao dia, por exemplo, cedo e antes do almoço. Mas se for ficar exposto direto ao sol, tente passar a cada duas horas.

Por fim, mesmo no verão, dá para a gente usar ácidos noturnos, visando clarear manchas, reduzir poros e oleosidade. Há ácidos que, em determinadas concentrações, não sensibilizam a pele, mesmo nas épocas mais quentes. O verão pode ser uma época ótima para mudar seu skincare ou para iniciar os cuidados com a sua pele. Na dúvida do que fazer, consulte o seu médico Dermatologista!

Contato:

Rua Oscar Freire, 2250, sala 711, São Paulo-SP.
Instagram: @andreborgesdermato

WhatsApp (agendamento):

11 95088-3719

**HOMEM QUE SE AMA
SE CUIDA COM SABONETES
E COSMÉTICOS SEVENMEN.**



SEVENMen

SEVENMEN.COM.BR

GUIA DE APRENDIZAGEM

AS 7 ETAPAS CRUCIAIS PARA DOMINAR UM NOVO IDIOMA

P O R P E T E B R A N C H



Introdução

Por mais de 25 anos, tive o privilégio de ensinar idiomas, ajudando inúmeros alunos a adquirir habilidades para se comunicar e se conectar com pessoas do mundo todo. Minha jornada começou com uma profunda paixão por idiomas e, ao longo das décadas, ganhei insights inestimáveis sobre os desafios e triunfos do aprendizado de idiomas. Por meio de minhas experiências, desenvolvi um guia com 7 etapas que acredito ser crucial para qualquer pessoa que esteja buscando dominar um novo idioma.

1. Defina metas claras e alcançáveis.

Um dos passos mais essenciais no aprendizado de idiomas é definir metas claras e atingíveis. Ao longo dos anos, descobri que os alunos que definem objetivos específicos e mensuráveis são mais motivados e têm uma direção mais clara. Ao começar, é importante entender por que você quer aprender um novo idioma. Você está aprendendo para viajar, trabalhar ou para se conectar com outras pessoas? Entender seu propósito ajuda você a definir metas que se alinhem com suas aspirações.

Por exemplo, um iniciante pode ter como objetivo se apresentar e pedir comida em um restaurante no primeiro mês. À medida que suas habilidades crescem, suas metas evoluem, como

conseguir ler um livro no idioma desejado ou manter uma conversa sobre tópicos específicos. Essas metas, quando atingidas, dão a você uma sensação de progresso e o mantêm motivado.

Na minha experiência, a definição de metas também pode ser altamente pessoal. Alguns alunos prosperam com uma abordagem mais acadêmica, enquanto outros preferem marcos mais informais, como em conversas. A chave é a flexibilidade: suas metas devem desafiá-lo, mas também devem estar ao seu alcance atingi-las.

2. Mergulhe na língua.

O aprendizado de uma nova língua vai além dos livros didáticos e regras gramaticais: a imersão é a chave para realmente internalizar o idioma. Ao longo dos anos, vi alunos acelerarem seu aprendizado quando começaram a se cercar do idioma diariamente. Isso pode significar ouvir podcasts, assistir a programas de TV ou ler livros no novo idioma. Mesmo que você não entenda tudo, a exposição àquela linguagem ajuda no desenvolvimento de um senso intuitivo de como o idioma funciona.

Para os alunos, é importante incorporar a linguagem na vida cotidiana. Se você tiver acesso a um falante nativo, tente se envolver com ele o máximo possível. Se não, não desanime — há inúmeras comunidades online e programas de intercâmbio



Pete Branch é o proprietário da escola de idiomas Nelloombo. Com ampla experiência pedagógica, criou seu próprio método aplicado em trabalhos em países como: Reino Unido, Polônia, Espanha, China e Brasil.

Possui forte experiência como gerente de suporte empresarial e analista de varejo em diversos países. Pete vendeu sua companhia de análise de varejo que tinha na Espanha e na Polônia e está em fase de expansão bem-sucedidas da Nelloombo, em São Paulo, Brasil. Com ampla experiência em marketing de mídia social e aprimoramento de perfil empresarial, além de ter um histórico comprovado em varejo de caridade, incluindo saúde e segurança e treinamento e gestão de pessoas.

bio de idiomas onde você pode se conectar com outras pessoas. Quanto mais você ouve e interage com a linguagem, mais seu cérebro começa a absorver suas nuances. Na minha experiência, aprender um idioma requer engajamento total. Não se trata apenas de memorizar voca-

bulário, mas de viver com o idioma de forma natural e imersiva.

3. Pratique consistentemente!

A consistência é vital no aprendizado de idiomas. Mesmo pequenas sessões de prática regulares são muito mais eficazes do que explosões esporádicas e intensas de estudo. Ao longo dos anos, percebi que os alunos, que praticam todos os dias, mesmo por apenas 15-20 minutos, retêm informações melhores do que aqueles que estudam



Dragan MacBel e Keyco no ritual de albanos arthan
Foto: Dragan MacBel

apenas uma vez por semana durante horas. A prática diária mantém o idioma fresco em sua mente e o previne de adentrar na “curva de esquecimento”.

Ao praticar, é importante focar em diferentes habilidades: ouvir, falar, ler e escrever. Não se limite a apenas um desses aspectos, pois a linguagem é multifacetada. Envolver-se em um aprendizado ativo — tente falar ou escrever com o novo vocabulário que você aprendeu. Mesmo que você cometa erros, é na prática onde o verdadeiro progresso acontece.

Uma língua é construída por meio da repetição. Repetir frases-chave, vocabulários e estruturas gramaticais reforçará sua compreensão. Recomendo dividir sua prática em sessões administráveis, como 10 minutos de

revisão de vocabulário, 10 minutos de audição e 10 minutos de prática de conversação. Essa variedade mantém o processo de aprendizagem emocionante e motivante.

4. Foco na comunicação, não na perfeição.

Ao longo dos anos, vi muitos alunos ficarem paralisados pelo medo de cometer erros. Eles buscam a perfeição e, ao fazerem isso, evitam usar o idioma por inteiro. Mas a verdade é que o aprendizado de idiomas é inerentemente confuso. Erros são uma parte natural do processo. Na minha experiência, aqueles que se concentram na comunicação — expressando-se da melhor maneira possível — são os que progridem mais rápido.

Eu incentivo os alunos a falarem o máximo possível, mesmo que cometam erros. A comunicação é o objetivo da linguagem, não uma gramática impecável. Se você for capaz de se fazer entender, você já estará tendo sucesso, e cada erro é uma oportunidade de aprendizado. Com o tempo, conforme você interage com os falantes nativos ou alunos avançados, você naturalmente refinará suas habilidades. Lembre-se de que a fluência não vem em evitar erros; vem de aceitá-los e aprender com eles.

5. Use a tecnologia e os recursos de forma eficaz.

Na era digital de hoje, há uma abundância de recursos disponíveis para estudantes de idiomas. Nos meus primeiros anos de ensino, os recursos eram limitados aos livros didáticos e dicionários, mas hoje temos acesso a cursos online, aplicativos de aprendizagem de idiomas, podcasts, canais do YouTube e até mesmo espaços virtuais de trocas para o aprendizado de idiomas. Esses recursos podem tornar o processo mais interativo e envolvente.

Ao recomendar ferramentas para meus alunos, enfatizo a importância de encontrar recursos que combinem com seu estilo de aprendizagem. Para alguns, aplicativos como

Duolingo ou Memrise fazem maravilhas, enquanto outros podem preferir assistir a vídeos do YouTube ou ouvir podcasts. A chave é integrar a tecnologia à sua rotina de aprendizagem, pois ela pode oferecer exposição, prática e engajamento adicionais fora das aulas formais.

Eu também incentivo os alunos a experimentarem diferentes ferramentas. Você pode descobrir que um recurso ajuda com o vocabulário, enquanto outro ajuda com a gramática e outro com a pronúncia. A variedade de recursos disponíveis permite que você personalize sua experiência no aprendizado.

6. Mantenha-se motivado e seja paciente.

Aprender um idioma é um esforço de longo prazo. É fácil perder a motivação quando o progresso parece ser lento. Uma das lições mais importantes que aprendi em meus 25 anos de ensino é que a paciência é essencial. A motivação flui e reflui, mas se você persistir, os resultados virão.

Para se manter motivado, recomendo monitorar o progresso. Comemore pequenas vitórias, como aprender suas primeiras 100 palavras ou entender sua primeira conversa no idioma que está aprendendo. Esses marcos são evidências do seu progresso e podem ajudá-lo a superar momentos difíceis. Você também pode achar útil participar de comunidades de aprendizagem de idiomas onde outros estão passando pelas mesmas dificuldades e podem lhe oferecer apoio e incentivo. Lembre-se, a aquisição de uma linguagem não é um processo da noite para o dia. Alguns dias, você pode sentir que não está progredindo, mas é essencial permanecer comprometido. É como construir músculos — esforços pequenos e consistentes valerão a pena a longo prazo.

7. Abrace a compreensão cultural

Língua e cultura estão profundamente arraigadas. Minha experiência me mostrou que entender o contexto cultural de uma lín-

gua pode melhorar sua experiência de aprendizado. Conhecer os costumes, a história e o modo de vida das pessoas, que falam a língua estudada, podem aprofundar sua compreensão e seu apreço pela língua em si.

Incorporar lições e hábitos culturais ao seu aprendizado de idiomas, também pode torná-lo mais envolvente. Por exemplo, aprender expressões idiomáticas ou referências culturais pode adicionar uma rica camada às suas habilidades linguísticas. Participar de eventos culturais, assistir a filmes no idioma ou cozinhar pratos tradicionais podem fazer você mergulhar na cultura alheia, enquanto melhora suas habilidades linguísticas.

Com o tempo, você começará a entender as nuances e sutilezas da língua que só podem vir por meio da consciência cultural. Eu encorajo aos alunos e alunas a abraçarem não apenas a língua, mas também a cultura que ela representa, pois isso lhes dará uma experiência de aprendizado mais completa e significativa.

Conclusão:

Em meus 25 anos de ensino, vi em primeira mão como o aprendizado de novas linguagens pode abrir portas para novas oportunidades, amizades e uma maior compreensão do mundo. Aprender uma língua é uma jornada e requer paciência, dedicação e disposição para abraçar os desafios. Seguindo estas sete etapas: definindo metas claras, mergulhando na língua, praticando consistentemente, focando na comunicação, utilizando a tecnologia, mantendo-se motivado e abraçando a compreensão de outra cultura - você alcançará o sucesso no aprendizado de novas línguas.

Embora o caminho para a fluência possa parecer longo, é um caminho gratificante. O segredo é começar, permanecer comprometido e aproveitar o processo. Cada passo que você der, o aproximará de se tornar um comunicador confiante, fluente e eficaz em mais de um idioma.









Meu nome é Leonardo, tenho 27 anos e moro no subúrbio do Rio de Janeiro. Mais precisamente em Bento Ribeiro. Sou filho único de pais separados. Tenho muitos primos e tios. Isso durante muito tempo foi um problema para mim. Não pelo fato de ter muitos parentes, mas sim por ter muitos parentes considerados bonitos. Todos os meus tios sempre foram considerados símbolos de beleza na família e no bairro. Meu tio mais velho foi do exército, e minha avó tinha uma foto dele fardado na sala, num quadro grande. Ela, sempre que chegava de visita, repetia: "Olha o Carlinhos, que homão. O homem que toda mulher quer casar.". Tio Carlos casou aos 22 e teve o meu primeiro primo, Murilo. Que também era elogiado por todos. "Esse puxou a beleza do pai", diziam. Meu pai é o segundo filho e aos 18 anos ganhou um concurso de beleza chamado "Garoto Suburbano". Esse título fez com que ele posasse para capa de revista e namorar umas 4 mulheres antes de conhecer minha mãe.

Mamãe o tempo todo dizia "Seu pai é um deus grego". Quando eu nasci, todos esperavam uma cópia de papai, mas eu não era nem uma xerox mal tirada. Por conta disso, eu escutei minha vida inteira da família que o único desprovido de beleza era eu. Uma tia minha, sem pudor, dizia: "Leozinho é tão mirradinho, tem que começar a se alimentar melhor. Vai crescer e nenhuma menina vai querer namorar ele". Eu ouvia do quarto e ficava triste,

mas eu era criança e não sabia que anos depois isso não seria um problema para mim. Tio Carlos, meu pai Antônio, tio Diego, tio Douglas, meus primos Murilo, Wellington, Marcos, Paulo, Lucas, Pedro e Caio, todos eram considerados bonitos, uns eram marombeiros, outros modelos, etc. E eu sempre com a autoestima lá embaixo por conta disso. Ao invés de querer parecer com eles, ir para uma academia ou uma clínica de estética, eu resolvi me esconder. Na escola, quase não tinha amigos. Ia direto para casa, não curtia festinhas, bailes, etc. Só estudava, estudava muito. Entrei na faculdade de administração e continuei me escondendo. Só ia às aulas, não frequentava os bares do campus, não ia às chopadas e não olhava pra ninguém. Até achei que fosse assexual ou algo do tipo. Uma vez, uma menina veio conversar comigo e eu, muito nervoso, deixei a pobrezinha falando sozinha. Entrei na faculdade com 19 anos e somente no segundo ano, já com 20, eu olhei diferente para alguém. Um aluno transferido de uma universidade de São Paulo sentou-se próximo à minha cadeira. Alguma coisa me chamou a atenção e eu fiquei alguns minutos olhando pra ele. Quando ele percebeu que eu estava olhando, me deu boa noite. Eu fiquei muito envergonhado, respondi e voltei a olhar para o caderno.

Naquele momento, eu senti algo diferente. Meu membro ficou duro e eu fiquei com medo de alguém perceber. O nome dele era Joaquim e todas às vezes que o Joaquim falava



Danie Vaz é ator, professor de teatro e jornalista. Formado em Jornalismo pela Unicarioca (2007) e graduando em Teoria da Dança na UFRJ, atua como professor de teatro desde 2016. Possui DRT de ator (MT Nº 47085) e integra a Cia Cordão Encarnado desde 2012, destacando-se no espetáculo premiado "Coiteiros de Paixões". Foi premiado como Melhor Ator no Festival do RJ em 2014 e participou de diversas montagens teatrais, projetos sociais e audiovisuais. Também é membro da Cooperativa de Dinamizadores de Arte e Cultura do RJ.

comigo eu ficava excitado. Foi aí que percebi que gostava de homens. Mas sempre pensei que nunca nenhum homem iria me querer. Imagina se iriam olhar pra mim, logo pra mim. Não, não era possível. Então, eu continuei minha vida pacata. Da faculdade para casa, da casa para a faculdade. Aos 21, eu comecei a trabalhar numa loja do Saara. Loja de um amigo do meu pai. Trabalhava até 17h e depois ia para a faculdade, da faculdade eu ia pra casa. A loja era de adereços e estava

chegando o Carnaval. Eu estava de férias e só me dedicava ao trabalho. Muitas vendas e a loja sempre muito cheia. Num certo dia, um rapaz entrou conversando com outro: "Tenho que comprar minha fantasia para esse baile, vai ser babado." olhou pra mim e disse "Oi, lindinho! Você pode me ajudar?". Eu pensei "Lindinho? Ele só pode tá debochando". Ajudei o menino e o mesmo menino disse: "Vou levar essa máscara. Muito obrigado, viu? Se você quiser ir na festa, tá convidado. Aqui o flyer". Me deu um papel com as informações da festa e foi embora. Achei muito estranho ele me convidar. Parecia estar interessado em mim. Mas só podia ser loucura da minha cabeça. Pensei: "Será que ele gosta de homens feios?"

Fui pra casa, pensei muito naquele menino. Toquei uma punheta pensando nele. Trabalhei mais 2 dias pensando no convite do menino. Chegou a sexta-feira de Carnaval, fui trabalhar e quando cheguei na loja, mexendo na minha mochila, achei o tal papel com as informações da festa. A festa era na própria sexta, às 22h. Às 18h, eu me despedi do meu chefe e, quando estava quase saindo, voltei e peguei uma máscara. Fui embora com ela na mão, pensando se deveria ir na tal festa. "Talvez o menino iria gostar de me ver lá e talvez ele me desse um beijo". Durante umas 3 horas, fiquei tomando coragem. Minha mãe perguntou o motivo de eu estar impaciente. Ela sabia que não era de sair e estava estranhando eu não estar trancado no quarto. Tomei coragem e disse "Vou a um baile de Carnaval". Ela tomou um susto e ficou sem acreditar. "Leo, deu pra contar piada?". Eu disse que não era piada, fui tomar banho, coloquei uma roupa social que eu tinha e peguei a máscara na mochila. Saí de casa deixando minha mãe sem saber o que falar, ela só me disse "Tenha cuidado!"

Fui com o coração disparado para a festa. Olhei o endereço, peguei o ônibus, cheguei no lugar do baile, paguei o ingresso na porta e entrei. Um cara bem-apegoado disse que eu teria que tirar a roupa e subir a escada apenas com a máscara. Que podia colocar minhas coisas no guarda-volume. Eu levei um susto e perguntei: "Como assim, tirar a roupa?". Ele me explicou que era uma festa mais livre e estranhou eu não saber. Eu tive um impulso de ir embora, mas me deu uma coragem imensa que nem sei de onde veio. Tirei a roupa, morrendo de vergonha, e subi as escadas. Quando cheguei no local, havia um

pequeno corredor com uma cortina no final e eu fui até lá. Quando abri a cortina, eu avistei o menino que comprou a máscara comigo. Ele já estava sem máscara, sem roupa e com uma bebida na mão. Ele veio até a mim e disse: "Ah, você não é o carinha da loja do Saara? Que bom que veio, lindinho!". Eu, ainda bem nervoso, mas excitado com o menino, não consegui disfarçar e fiquei de pau duro.

O menino então disse "Já está animado, eu gosto assim" e pela primeira vez na vida alguém me elogiou. "Você é uma delícia!", ele falou isso pegando no meu pau. Desceu e começou a me chupar. Eu estava num misto de excitação e medo. Parei de tentar entender o que estava acontecendo e resolvi só me entregar ao prazer. Enquanto ele me chupava, outro cara começou a me beijar. Me assustou um pouco, mas eu deixei. Logo veio outro e começou a chupar minha bunda. O menino que estava me chupando colocou a camisinha com a boca e passou um lubrificante. Eu queria dizer que era virgem, mas estava num estado de alucinação, como se tivesse ingerido algo. Apenas deixei eles fazerem o que quisessem comigo. Eu comecei a comer o menino e a beijar o outro. Outro cara me abraçou por trás e me disse no ouvido "Gostoso".

Parecia que eu estava sonhando. Era um sonho muito bom. No sonho, eu era desejado, era visto como meus primos e tios eram vistos. "Por que ninguém nunca me falou que era possível eu ser desejado? Por que eu nunca me permiti viver isso?". Eu estava muito feliz. Eu queria morar ali. O resto da noite foi de mais e mais prazer. Eu só não dei pra ninguém, não podia ter essa primeira vez ali. Precisava de mais calma e cuidado. Mas tudo que pude fazer, eu fiz. Fiquei com 2, 3, 4, comi, chupei, fui chupado. Descobri naquele baile de Carnaval que eu podia ter tudo aquilo que nunca imaginei que pudesse. E, principalmente, que eu não era o feio de que minha família tanto falava.

Fui pra casa às 6 horas da manhã. Eu era outro homem. O Carnaval acabou e as aulas começaram. Entrei na sala e o paulista Joaquim estava numa cadeira no fundo da sala. Eu definitivamente não era o mesmo. Entrei, sentei ao lado dele, disse "boa noite" e tasquei um beijão de deixar o pau explodindo. Ele disse "Que beijão gostoso, gato" e eu abri um largo sorriso.

Agradecimento:

E se você chegou até aqui, fica nosso mais profundo agradecimento.

A Diverso é uma semente de outros projetos mais amplos. Ficamos felizes com os resultados das contribuições.

Obrigado a todos os autores, fotógrafos, revisores, patrocinadores, entusiastas, amigos e especialmente você que leu tudo até aqui. É muito especial poder lançar a primeira edição num sábado emendando o Carnaval.

Esperamos que você tenha gostado e que possa enviar ideias, contribuições, propostas, porque agora que começamos, temos interesse de voar cada vez mais longe.

Acreditamos que o conhecimento não tem que ser difícil, chato ou moralista. Dá para juntar homens de jockstrap com técnicas de ensino que mudam vidas. Relatos de viagem de um professor à procura de um melhor lugar no mundo com os relatos de um carnavalesco. É possível ser gay, negro, cientista social e ainda achar o Papa gente boa. Singelamente, é isso que queremos mostrar.

Em um mundo onde o algoritmo dos portais de notícias orienta a escrevermos textos tristes, pessimistas e catastróficos, assumimos como missão fortalecer e enaltecer pessoas e figuras que, de alguma forma, fazem desse cantinho de terra um lugar melhor. Lembre-se de que a Diverso Suplemento Acadêmico é gratuita e você pode baixá-la sempre que quiser. Prepare-se que a próxima edição será ainda mais histórica!

E lembre-se de mais uma coisa super importante: realize seus sonhos! Eles podem ser de fato possíveis.

Até logo e muito obrigado!

Laroyê!

João Batista da Silva Junior
Editor Chefe

OBRIGADO

